



# A GUERRA DOS PANFLETOS: LINHA DURA CONTRA GOLBERI

Inédito: quatro capítulos integrais da rumberosa «Novela da Traição», que circulou intensamente nos quartéis.

(Página 12.)

## EM TEMPO:

SEMANÁRIO NACIONAL — Cr\$ 15,00 — ANO II — Nº 55 — DE 15 A 21 DE MARÇO DE 1979

As manhas da proposta  
governamental de  
anistia, segundo  
o advogado  
Greenhalgh

Pág. 3

### Lançado manifesto feminino

Encontro Paulista e  
Congresso Nacional  
de mulheres aprovam  
resolução única.

Pág. 16

### Prefeituras nas ruas

Lançada  
campanha pelas  
eleições diretas  
em São Paulo  
e Porto Alegre.

Pág. 11

Moradores  
de loteamentos  
clandestinos  
exigem uma  
solução do  
Prefeito.

Pág. 11

## Maluf emplaca sob suspeita

(Página 11)

# GREVES SAÚDAM FIGUEIREDO

Piquetes metalúrgicos no ABC paulista. Professores do Rio e estudantes da USP de braços cruzados. Uma posse da pesada para o novo general presidente.



Tropas da Polícia não conseguiram intimidar os operários de São Bernardo, que armaram piquete logo no primeiro dia da greve.

Mais militares, policiais e civis, acusados de praticar violências contra presos políticos:

### SAIU O 2º LISTÃO: 442 TORTURADORES.

**Manuel da Conceição denuncia:**  
**EM TEMPO:**

### ANISTIA SACODE OS DEPUTADOS

Fumageiros ensaiam greve nacional

Metalmecânicos podem parar

Tudo pode acontecer nos próximos dias.  
Metalmeccânicos do ABC e Interior paulista ameaçam parar novamente as máquinas se os patrões não atenderem suas reivindicações. Sexta-feira, 9, assembleias gerais em São Bernardo e Santo André

Professores no Rio: o quadro é negro.

**Trabalhistas e Socialistas**  
De volta de Europa  
Almino Afonso, Janca  
& Cia. Piquetes  
no Masp  
Francisco Welfort  
entra na  
socialista do PTB

Explode crise na FEBEM

Comissão de direitos

de garantias da República

José Serejo  
Tadeu Novais  
deputados  
de oposições

Assembleia decide: EM TEMPO continua firme.



## Venezuela

O que pode mudar  
com Luís Herrera Campins  
no poder?

Pág. 13



Ditadura  
apreende  
Em Tempo Nº 54

Pág. 3

## Chicão está de volta

Líder camponês de Minas, de volta do Exterior, conta suas militâncias, prisões e exílios.

Pág. 9

## CPI para o sequestro Brasil-Uruguai

A polícia gaúcha parece estar levando a melhor no caso do sequestro dos uruguaios, entravando de todos os modos o andamento dos trabalhos. O advogado de Pedro Seeling e Didi Pedalada, conseguiu ver aprovado um habeas corpus que suspende as diligências do judiciário estadual transferindo o caso para a Justiça Federal por considerar ser este o órgão competente para tal julgamento. O mandado de segurança que livrou a barra dos policiais — instrumento que visa resguardar o direito da pessoa contra possíveis arbitrariedades das autoridades — é o mesmo que é negado aos presos políticos brasileiros, de quem Pedro Seeling e renomado torturador. Além disso surge no Uruguai uma declaração onde Lilian Celiberti afirma ter entrado clandestinamente em seu país e que se for aceita, anula o processo de sequestro.

O advogado dos uruguaios, Omar Ferri, é veemente em declarar que tal documento foi arrancado sob tortura.



Cláudio

com o que concorda o advogado italiano que chegará está semana em Porto Alegre, representando a Federação dos Direitos Humanos, Secretariado dos Júris Católicos e o Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia. O advogado trará também a representação da Federação dos Metalúrgicos de Milão que está intercedendo no caso porque o pai das crianças sequestradas é um trabalhador metalúrgico.

Apesar dos esforços dos poderes públicos em abafar o sequestro.

## Motoristas param em Campinas

A cidade de Campinas, no interior paulista viu, no último dia 2, sua maior greve no transporte urbano. As 4 horas da manhã, os motoristas da Companhia Campeira de Transportes Coletivos, responsável por 70% das linhas de ônibus da cidade iniciaram uma paralisação que algumas horas depois atingiu todos os coletivos da empresa, que tem 1500 funcionários. Além do protesto contra as péssimas condições de trabalho, a principal reivindicação era um aumento de 20%, sem desconto no proximo reajuste salarial.

Por volta das 10 horas os moradores da Vila Costa e Silva, onde fica a garagem da CCTC já viviam um dia diferente. Em vez do vaivém normal de ônibus e funcionários, carros da PM e caminhões do Pelotão de Choque ocupavam as dependências da companhia, enquanto, do lado de fora, mais de trezentos motoristas se reuniam esperando o resultado do movimento.

O sindicato da categoria colocou-se frontalmente

contra a paralisação e seu presidente, o pelego Mauro Ribeiro, chegou a condenar os grevistas por estarem prejudicando a população.

A greve pegou os patrões de calças curtas mas sua reação foi rápida: enquanto faziam uma tentativa frustrada de pôr em circulação alguns ônibus dirigidos por manobristas, mecânicos e fiscais, muitos sem habilitação, começaram as gestões para conseguir um aumento nas tarifas e a isenção de impostos municipais. Mas, os representantes do prefeito, percebendo a popularidade da greve, negaram-se a discutir estas alternativas.

Ao meio dia, a greve já era o assunto da cidade, ao mesmo tempo que começavam a circular os rumores mais disparados sobre uma possível repressão. Nos bastidores, no entanto, a ministração, como sempre, recusou-se a admitir a mínima razão nas reivindicações dos trabalhadores. Para um diretor da Cometa a greve em Campinas é «culpa dos padres que incitam os motoristas». Só faltou alguém dizer que os ônibus pararam porque a televisão mostrou no mês passado as greves da Inglaterra. (João Roberto)

## Moradores se organizam

Os moradores do bairro Passo da Figueira em Alvorada — «cidade dormitório» de Porto Alegre — deram mais uma amostra de seu crescente gênero de organização, ao irem à Assembleia Legislativa do Estado, no dia 8 de março. Lotaram um ônibus com 141 pessoas e «outro tanto ficou lá na Vila por falta de espaço, teríamos lotado dois ônibus», disse uma moradora. Portavam um cartaz dizendo: QUEREMOS ÁGUA, LUZ E TERRA. Dirigiram-se ao plenário e em seguida reuniram-se com 9 deputados da bancada do MDB, quando expuseram suas reivindicações.

Há aproximadamente 9 meses — os moradores começaram a reunir-se para tomar decisões sobre como encaminhar soluções para os problemas da Vila que são,

basicamente, falta de água, luz e segurança quanto ao local de moradia. Alguns terrenos foram comprados, porém até hoje os moradores não receberam a escritura, nem infra-estrutura; outros pertencem à Prefeitura e outros ainda ao atual prefeito de Vila — Pedro Antonio Godói, que é ex-prefeito de Alvorada, que propôs um aluguel de Cr\$ 500,00 por terreno, para permitir a instalação de água. Os moradores logo se aperceberam da «jogada»: perderiam o direito de posse conquistado até agora devido aos anos que já estão sobre a terra e poderiam ser surpreendidos com uma ação de despejo, em breve.

Em dezembro, numa assembleia que contou com quase 200 moradores, foi fundada a Associação dos Moradores do Passo da Figueira e eleita sua primeira diretoria. A maioria dos moradores são pedreiros, carpinteiros, serventes de obra; outros são biscoiteiros, empregados domésticos, guardas-noturnos e seus salários situam-se na faixa de 1 a 2 salários mínimos. Como Alvorada possui apenas 7 indústrias de pequeno porte, quase todo mundo procura emprego em Porto Alegre, tendo que viajar uma hora e meia por dia e pagar Cr\$ 13,00 (ida e volta) pela condução, geralmente ônibus super-lotados.

A associação tem se mostrado muito atuante. Sua última promoção foi um debate com a presença de líderes sindicais e filmes sobre «Greve na Perú» e «Acidentes de Trabalho», que contou com a presença de 150 moradores.

Sandra Starling

FIGUEIREDO  
PRETENDE  
ANISTIAR 80%  
DOS PUNIDOS

EU FUI ANISTIADO  
EM 80%!



## EM TEMPO:

**CONSELHO EDITORIAL E ADMINISTRATIVO:** Aluísio Marques, Carlos Tibúrcio, Flávio Andrade, João Batista dos Mares Guia, José Luiz Nadai, Raul Anglada Pont, Robinson Ayres, Sérgio de Carvalho Alli, Tom Duarte, Fausto Brito (Conselheiro-Presidente). **Suplentes:** Paulo Cavalcanti, Valmire Menezes, Luci Ayala, Maria Cândida.

**DIRETORES:** Flávio Andrade (Diretor Presidente), José Luiz Nadai, Tom Duarte, Carlos Tibúrcio, Robinson Ayres.

**Editor de Redação:** José Luiz Nadai

**Editor Geral:** Carlos Tibúrcio

**EDITÓRIAS:** Nacional: Flávio Andrade, Tibério Canuto, Antônio Espinosa, Jorge Baptista, Antonina Silveira, Carlos Savério, Antônio de Pádua Prado Jr., Fábio Munhoz, Fátima Barbosa, Flávio Andrade, Maria Moraes, Paulo Sérgio, Sérgio Alli, Elvira Oliveira, Jesus Varela, Wilson Prudente, Maria Cândida, Sebastião Santos Jr., Terezinha V. Ferreira. **Internacional:** Carlos Eduardo Matos, Linoel Almeida, Aluísio José Monteiro, Altair Moreira, Cecília Thompson, Cleide Ono, Eliezer Rizzo de Oliveira, José Veiga, Lana, Marineide Oliveira, Olívia Matos, Suzana Rios, Virginia Pinheiro. **Suplemento Cultural:** Flávio Aguiar (Coordenação), Antonio Espinosa, Inímir Santos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Valderez Amorim.

NÃO SEI  
PORQUE EU FUI  
ACREDITAR NESSA  
TAL DE «MÃOS  
ESTENDIDAS EM  
CONCILIAÇÃO»...



**Arte e Produção:** Coordenação Geral e Secretaria Gráfica: Paulo Roberto M. Borges. Diagramação: Sérgio Papi e Fábio Prado; Ilustração: Sian Martinez, Cadi, Cida, Beto Maringoni, Cláudio, Nilson e G.M.D. Fotos: Jesus Carlos e Ennio Brauns Filho; Revisão: Alfredo Maria de Souza. Arquivo e Pesquisa: Antonio Alfredo S. Nunes, J. Moura Marinho, Josephine Ghetti, Maria Martins, Maria Quinteiro, Silvestre Prado, Valderez Amorim.

**SUCURSAIS:** Belo Horizonte: (R. Bernardo Guimarães, 1884) Alberto Duarte (Chefe da sucursal), Edgar da Mata Machado, Ernesto Passos, Fernando Miranda, Lelio Santos Maia, Trindade, Maurício Godinho, Paula Régis, Paulo Vilara, Ricardo Rabelo, Sérgio Aspahan (redação); Mariza Araújo (administração). Porto Alegre: (Av. Osvaldo Aranha, 1407 - loja 20) Ana Barros Pinto, Carlos Aveline, Gerson Schimer, Letânia Menezes, Sônia (redação), Adão Capa, Claudio Almeida, Flávio Siqueira, João Rodrigues Soares, Luis Alberto Rodrigues, Lucy Ayala, Raul Pont, Rio de Janeiro (r. da Lapa 200, sala 408) Adauto Novaes, Alan Albuquerque, Álvaro Caldas, Antônio José Mendes, Fernando Karan, Carlos Alberto Bahia, Cláudio Camara, Cláudio Cardoso, Clótilde Hasseimann, Fernanda Coelho, Jamir de Mendonça, Jorge Ricardo Gonçalves, Laiso Meireles, Ligia Bahia, Luis Antônio de Aguiar, Luis Arnaldo Dias Campos, Marcelo Beraba, Marcos Araúhão Reis, Margarida Autran, Maria Helena Maita, Olga de Assis, Olga D'Arc Camara, Orlando Guilhon Braga, Regina Maria Braga, Ricardo Lessa, Sergio Sbragio, Sueli Caldas.

## Salve a besteira!

Pena que Sérgio Porto — o saudoso Stanislaw Ponte Preta — tenha partido tão cedo. Porque na nova safra, de ministros, senadores biônicos, governadores escalados e assemelhados, muitos teriam lugar na grande galeria de personagens que contribuíram para o sucesso do FEBEAPA — Festival de Besteiras que Assola o País.

rios e institutos do INAMPS é sinônimo de organização e bom atendimento, justificando que ninguém enfrentaria a fila se a **qualidade** do serviço prestado pela Previdência Social não fosse satisfatória.

Assim o Ministro concluiu que a fila é um grande instrumento na avaliação da qualidade dos produtos e serviços oferecidos. A falta de fila nos banquetes oficiais seria um indicador sério de que os **pratos oferecidos** pelo poder são indigestos e fazem muito mal ao estômago do povo. Vai longe o imprevidente Ministro da Previdência. (Itamar José de Oliveira)

assunto, foi aprovado no Legislativo gaúcho uma CPI para apurar a responsabilidade sobre a violação dos direitos humanos e da soberania nacional.

As primeiras medidas da CPI deverão ser o interrogatório do delegado Pedro Seeling, do investigador Didi Pedalada e também o próprio secretário de Segurança Pública. Além disso deverá requerer o reconhecimento dos policiais do DOPS pelos jornalistas-testemunhas do Sequestro.

com o que concorda o advogado italiano que chegará está semana em Porto Alegre, representando a Federação dos Direitos Humanos, Secretariado dos Júris Católicos e o Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia. O advogado trará também a representação da Federação dos Metalúrgicos de Milão que está intercedendo no caso porque o pai das crianças sequestradas é um trabalhador metalúrgico.

Apesar dos esforços dos poderes públicos em abafar o sequestro.

Uma das últimas pérolas do pensamento oficial em matéria de visão política foi o pronunciamento do futuro Ministro da Previdência Social, Jair Soares, anuncian-

do que as filas nos ambulatórios

rios e institutos do INAMPS é sinônimo de organização e bom atendimento, justificando que ninguém enfrentaria a fila se a **qualidade** do serviço prestado pela Previdência Social não fosse satisfatória.

Assim o Ministro concluiu que a fila é um grande instrumento na avaliação da qualidade dos produtos e serviços oferecidos. A falta de fila nos banquetes oficiais seria um indicador sério de que os **pratos oferecidos** pelo poder são indigestos e fazem muito mal ao estômago do povo. Vai longe o imprevidente Ministro da Previdência. (Itamar José de Oliveira)

assunto, foi aprovado no Legislativo gaúcho uma CPI para apurar a responsabilidade sobre a violação dos direitos humanos e da soberania nacional.

As primeiras medidas da CPI deverão ser o interrogatório do delegado Pedro Seeling, do investigador Didi Pedalada e também o próprio secretário de Segurança Pública. Além disso deverá requerer o reconhecimento dos policiais do DOPS pelos jornalistas-testemunhas do Sequestro.

com o que concorda o advogado italiano que chegará está semana em Porto Alegre, representando a Federação dos Direitos Humanos, Secretariado dos Júris Católicos e o Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia. O advogado trará também a representação da Federação dos Metalúrgicos de Milão que está intercedendo no caso porque o pai das crianças sequestradas é um trabalhador metalúrgico.

Apesar dos esforços dos poderes públicos em abafar o sequestro.

Uma das últimas pérolas do pensamento oficial em matéria de visão política foi o pronunciamento do futuro Ministro da Previdência Social, Jair Soares, anuncian-

do que as filas nos ambulatórios

rios e institutos do INAMPS é sinônimo de organização e bom atendimento, justificando que ninguém enfrentaria a fila se a **qualidade** do serviço prestado pela Previdência Social não fosse satisfatória.

Assim o Ministro concluiu que a fila é um grande instrumento na avaliação da qualidade dos produtos e serviços oferecidos. A falta de fila nos banquetes oficiais seria um indicador sério de que os **pratos oferecidos** pelo poder são indigestos e fazem muito mal ao estômago do povo. Vai longe o imprevidente Ministro da Previdência. (Itamar José de Oliveira)

assunto, foi aprovado no Legislativo gaúcho uma CPI para apurar a responsabilidade sobre a violação dos direitos humanos e da soberania nacional.

As primeiras medidas da CPI deverão ser o interrogatório do delegado Pedro Seeling, do investigador Didi Pedalada e também o próprio secretário de Segurança Pública. Além disso deverá requerer o reconhecimento dos policiais do DOPS pelos jornalistas-testemunhas do Sequestro.

com o que concorda o advogado italiano que chegará está semana em Porto Alegre, representando a Federação dos Direitos Humanos, Secretariado dos Júris Católicos e o Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia. O advogado trará também a representação da Federação dos Metalúrgicos de Milão que está intercedendo no caso porque o pai das crianças sequestradas é um trabalhador metalúrgico.

Apesar dos esforços dos poderes públicos em abafar o sequestro.

Uma das últimas pérolas do pensamento oficial em matéria de visão política foi o pronunciamento do futuro Ministro da Previdência Social, Jair Soares, anuncian-

do que as filas nos ambulatórios

rios e institutos do INAMPS é sinônimo de organização e bom atendimento, justificando que ninguém enfrentaria a fila se a **qualidade** do serviço prestado pela Previdência Social não fosse satisfatória.

Assim o Ministro concluiu que a fila é um grande instrumento na avaliação da qualidade dos produtos e serviços oferecidos. A falta de fila nos banquetes oficiais seria um indicador sério de que os **pratos oferecidos** pelo poder são indigestos e fazem muito mal ao estômago do povo. Vai longe o imprevidente Ministro da Previdência. (Itamar José de Oliveira)

assunto, foi aprovado no Legislativo gaúcho uma CPI para apurar a responsabilidade sobre a violação dos direitos humanos e da soberania nacional.

As primeiras medidas da CPI deverão ser o interrogatório do delegado Pedro Seeling, do investigador Didi Pedalada e também o próprio secretário de Segurança Pública. Além disso deverá requerer o reconhecimento dos policiais do DOPS pelos jornalistas-testemunhas do Sequestro.

com o que concorda o advogado italiano que chegará está semana em Porto Alegre, representando a Federação dos Direitos Humanos, Secretariado dos Júris Católicos e o Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia. O advogado trará também a representação da Federação dos Metalúrgicos de Milão que está intercedendo no caso porque o pai das crianças sequestradas é um trabalhador metalúrgico.

Apesar dos esforços dos poderes públicos em abafar o sequestro.

Uma das últimas pérolas do pensamento oficial em matéria de visão política foi o pronunciamento do futuro Ministro da Previdência Social, Jair Soares, anuncian-

do que as filas nos ambulatórios

rios e institutos do INAMPS é sinônimo de organização e bom atendimento, justificando que ninguém enfrentaria a fila se a **qualidade** do serviço prestado pela Previdência Social não fosse satisfatória.

Assim o Ministro concluiu que a fila é um grande instrumento na avaliação da qualidade dos produtos e serviços oferecidos. A falta de fila nos banquetes oficiais seria um indicador sério de que os **pratos oferecidos** pelo poder são indigestos e fazem muito mal ao estômago do povo. Vai longe o imprevidente Ministro da Previdência. (Itamar José de Oliveira)

assunto, foi aprovado no Legislativo gaúcho uma CPI para apurar a responsabilidade sobre a violação dos direitos humanos e da soberania nacional.

As primeiras medidas da CPI deverão ser o interrogatório do delegado Pedro Seeling, do investigador Didi Pedalada e também o próprio secretário de Segurança Pública. Além disso deverá requerer o reconhecimento dos policiais do DOPS pelos jornalistas-testemunhas do Sequestro.

com o que concorda o advogado italiano que chegará está semana em Porto Alegre, representando a Federação dos Direitos Humanos, Secretariado dos Júris Católicos e o Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia. O advogado trará também a representação da Federação dos Metalúrgicos de Milão que está intercedendo no caso porque o pai das crianças sequestradas é um trabalhador metalúrgico.

Apesar dos esforços dos poderes públicos em abafar o sequestro.

Uma das últimas pérolas do pensamento oficial em matéria de visão política foi o pronunciamento do futuro Ministro da Previdência Social, Jair Soares, anuncian-

do que as filas nos ambulatórios

rios e institutos do INAMPS é sinônimo de organização e bom atendimento, justificando que ninguém enfrentaria a fila se a **qualidade** do serviço prestado pela Previdência Social não fosse satisfatória.

Assim o Ministro concluiu que a fila é um grande instrumento na avaliação da qualidade dos produtos e serviços oferecidos. A falta de fila nos banquetes oficiais seria um indicador sério de que os **pratos oferecidos** pelo poder são indigestos e fazem muito mal ao estômago do povo. Vai longe o imprevidente Ministro da Previdência. (Itamar José de Oliveira)





# CINCO HISTÓRIAS DA GREVE

**As formas inovadoras de organização, a solidariedade, as manobras, a alegria com o movimento que paralisou o trabalho.**

**2**

## O pelego

Atitudes recentes pareciam vir apagando a péssima imagem de Cid Ferreira, o pelego Cid, como é mais conhecido no meio sindical de Campinas. Construção do Partido dos Trabalhadores, em Lins, apoio as propostas das lideranças autênticas nas escaramuças que vêm se processando em torno do reajuste salarial e, culminando, patéticas **incriminações** à intransigência patronal, na concordada Assembleia de domingo último.

Campinas, vinte horas, terça-feira, 13, ginásio do Guarani. Nesta Assembleia, marcada pela anterior, para decidir os rumos definitivos da negociação salarial, desnhançam-se as dudas: Cid reassume sua identidade. De pelego, é óbvio. Uma vez pelego, pele-go sempre.

O ginásio está cheio com cinco mil pessoas e ainda uma fila de trabalhadores se comprime na entrada, tornando-a exigua para o controle da carteirinha sindical. Lá dentro leem-se já as cláusulas do convênio assinado por vários sindicatos de São Paulo. A cada cláusula, pausa para longos comentários de Cid, análise do que se ganhou, do que se deixou de ganhar.

— Companheiros, a mesa pede calma. Apelamos para a consciência de cada um. Ninguém é criança. Aqui estão representantes de 45 mil metalúrgicos. Vamos pensar antes de votar, para que ninguém, amanhã, diga que votamos repetido, diz ele.

Cid Ferreira é paternalista. Com a voz pausada lembra a assembleia os seus deveres e ensina normas de comportamento. Como não poderia deixar de ser, apelos à lembrança familiar.

— Lá em casa nossas esposas estavam nos esperando com lágrimas nos olhos, penssem em nossa responsabilidade, completa.

Cid e dedo duro. Uma voz irritada denuncia os que interrompem sua fala pedindo greve.

— São sempre os mesmos dois ou três. E certamente nem trabalhadores são. Cairam de **pára-quedas** para agitar a assembleia e na hora da greve não dão as caras, assegura ele.

Cid, persuasivo.

**3**

## O bairro

Depois de marcada a greve para terça, começam as atividades de esclarecimento da população da cidade para os objetivos do movimento que se combina com a conscientização de operários ainda não atingidos pela propaganda em Santo André.

No sábado, dia 10, a tarde uma reunião de voluntários, todos operários jovens, inclusive algumas mulheres, define os rumos.

O primeiro bairro a se **parafetar** é Vila Palmares, na divisa entre a cidade e Mauá. Praticamente toda a população já parece saber da proximidade do movimento. As crianças de pedaço prestam uma ajuda enorme aos ativistas, chamando as pessoas dentro de casa (estas não costumam ter campainha) e identificando as residências onde moram operários, praticamente todas.

A população não sabe da greve como parece apoiar com tudo o movimento. E indescritível a alegria de um metalúrgico quando aparece em sua casa alguém distribuindo os panfletos, mas ainda se o evento se dá num bar, onde o metalúrgico está bebendo com os vizinhos. Se esses não são deste setor profissional, são gozados:

— Seu sindicato só tem **bundu-nole**, ou — Fora os metalúrgicos, o resto e **tudo uns fruxos**. E o distribuidor de panfletos podia ficar certo que não sai do bar sem tomar uma cerveja, que os operários insistem em pagar.

— Você está dando uma força por nos, nós também precisamos dar uma força **procé**.

Sendo sábado de tarde, as atividades mais comuns no bairro são dar um trato na caranga, que as **firms** facilitam a compra como maneira de prender os a empresaria, arrumar a casa — os loteamentos onde o pessoal constrói suas casas são anarquicos, sem infraestrutura, além do material de construção ser de baixa qualidade. Diz um operário novo, especializado, enquanto está polindo as telas de seu Corcel preto.

— Tá limpo, temos mesmo é fazer botar para quebrar, nos na Ford vamos parar com tudo!

**Ergacado** também foi uma roda de mulheres crentes, que são abordadas quando estão discutindo os Sâms: «Meu filho, eu não acredito em greve, mas acho que vocês devem ter fé que dai vemos ganham».

No domingo o grupo vai para o Parque São Rafael, na divisa com São Paulo. Um pouco deslizado, uma vez que muitos operários tinham de namorar. Choveu de noite, como as ruas não têm calçamento a coisa está uma lama só. Paradoxalmente isto facilita o trabalho, pois os operários estão quase todos na calçada removendo a lama em frente às suas casas. As cenas de solidariedade se repetem. Nos bares, dois operários contam ao ativista as suas manhas para amarrar a produção e não deixar o patrão fazer estoque. Entre-se um panfleto para um casal de namorados, e o rapaz abre um sorriso de orelha a orelha: «— Nos na Copacabana vamos ser os primeiros a parar».

E a moça responde, dando uma tapinha no traseiro do rapaz: «— Vocês metalúrgicos são fogos mesmo, hem...»

Possessando pela rua enlameada, aparece um velho tocando sambas. O ativista arrisca entregar um panfleto:

— O que você está distribuindo, meu filho? Ahh, e da greve. Eu sou metalúrgico aposentado, mas tenho quatro filhos na ativa, me de logo um punhado, pros meus filhos darem pros colegas».

Os panfletos acabam em trete um grupo de crentes que está construindo voluntariamente a sua Igreja. Depois de alguma hesitação, o sindicato pergunta: «Será que tem algum metalúrgico ai?

Os crentes param o trabalho e respondem que sim. Ao saberem que é sobre a greve, e para espanto do ativista, acabam ponderando que ela é justa.

**1**

## A passeata

Era para ser um movimento de força e solidariedade, como tantos outros que aconteceram nesta segunda-feira, dia 12, em Santo André. Com palavras de ordem, garra, muito humor e até música, os 500 operários e operárias saíram do Sindicato, pelas ruas da cidade com um objetivo: **paralisar** o trabalho da Pirelli, uma das poucas grandes empresas que ainda permaneciam funcionando naquela manhã.

Mas, com cassetetes, metralhadoras e duas C-14, a repressão policial conseguiu fazer com que ele não se concretizasse. O que não impedi que, à tarde a dose se repetisse. E que, no caminho, os operários de várias pequenas metalúrgicas ganhassem um pouco mais de consciência sobre o movimento. Mas não foi só isso: os trabalhadores de outras categorias, **donas-de-casa** e estudantes puderam se solidarizar com aquela pequena passeata, tranquila e alegre.

Antes de ir até a Pirelli, a ideia era passar pela empresa São Justo, «que não é justo» — como marcavam ritmicamente os participantes. E completavam, acompanhando com as mãos: «é todo mundo parado». A primeira manifestação de solidari-

edade aconteceu na av. Santos Dumont, quando varias professoras primárias saíram na porta da escola para aplaudir o pessoal. Surge o Corpo de Bombeiros e alguns deles erguem o polegar. Com esse sinal de «positivo», os 500 metalúrgicos prosseguem, numa sucessão de convites carinhosos a paralisação. Para as «margaridas», dizem: «ó tia, come, não vão para também». Para os pedreiros, brancos de pô, que observam e aplaudem a passeata, tiram «sarro»: «seu padres vão ficar aí dando duro?».

Pelo caminho, o objetivo de parar a Pirelli se ampliou na rua Natal, quando todos pararam no portão da Indústria Mecânica Cova, aos gritos de «para! para! para!». A guarda de segurança e funcionários da administração vieram dizer que tinham dispensado todos do trabalho logo de manhã, quando era visível, olhando-se por cima dos muros, que a empresa funcionava normalmente. Saído da entrada para evitar provocação e criar atritos com a segurança, parte dos participantes subiu nos muros, gritando frases como «a gente só quer companhia, não vamos agredir ninguém». Ou, «comé, companheiro, vai ficar ai sustentando o patrão?».

Na rua Negreiros, os altos portões da São Justo estavam fechados, o que impedia **qualquer** comunicação mais efetiva. Mesmo assim, depois de vários convites a paralisação, o pessoal decidiu passar de novo, na volta da Pirelli, com muito mais gente.

A repressão — apesar das promessas das autoridades em sentido contrário — começou a se manifestar na avenida D. Pedro, em frente aos portões da sede da Metalúrgica Cleide. Pouco antes, num departamento da empresa que fica na mesma rua, os 500 metalúrgicos tiveram sua primeira vitória, quando alguns operários resolveram atender a convocação e sair do trabalho, sob uma chuva de aplausos e abraços calorosos.

Quando quase todos já haviam se dirigido para os portões da sede da Cleide, uma C-14 vermelha e preta veio a toda pella avenida e «entrou com tudo» em cima dos manifestantes, correndo o risco de machucá-los. Nessa primeira investida, dois operários foram presos e os metalúrgicos — ja com menos participantes — se dispersaram.

Mais voltaram a se reunir na rua que sai de frente da metalúrgica Cleide, tempo suficiente para que a C-14 inicial voltasse com mais outra: ao todo, oito policiais armados de cassetetes e metralhadoras. Os manifestantes



## AS INTERFÁBRICAS

Por José Rosa

«Mais vale um ano de leão do que cem de cordeiro». Essa frase repetida por alguns operários presentes à assembleia do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos indica bem a disposição dos trabalhadores daquela cidade que decidiram aderir à greve geral decretada já no ABC paulista.

Mesmo contando com a firme oposição do presidente do sindicato, José Domingues, o «Zezé», mais de três mil trabalhadores presentes à sede do Sindicato dos Texteis daquele cidade — exigiram a deflagração do movimento. Não aceitaram em nenhum momento que se repetisse em São José o que ocorreu em Campinas um pouco antes, quando o pelego Cid Ferreira conseguiu, mediante manobras e forte autoritarismo, impedir que se concretizasse a decisão de assembleia tirada no domingo passado.

Depois.

— Quem quer a greve, levante o braço.

A ira e súbita. Vários trabalhadores aturdidos levantam o braço. Quantos? Para que contar?

— Por unanimidade a assembleia decidiu aceitar o acordo com os patrões. Esta encerrada a assembleia.

— Cai o pano. Os microfones são desligados. Cid corre, guardas-costas impedem a aproximação de trabalhadores e imprensa.

Alguns trabalhadores da oposição sindical, tentam em vão retomar a assembleia. A voz não chega a ninguém, e o ginásio vai se esvaziando.

A oposição também está aturdida.

Não teve, como ninguém mais, fora Cid, a palavra. Qual o embate de para-

lisação a partir das fábricas, e a revelia do sindicato. Aliás, qual a alternativa para quem não aceita o convênio?

Ninguém sabe.

— Vai greve?

Ah, iamos esquecendo, o presidente Cid promete lutar por um adicional de 15% aos percentuais do convênio. Vai firme, Cid?

— Se 250 mil metalúrgicos estão parados no ABC por que é que não podemos fazer o mesmo? Perguntou um operário. Ele, como a totalidade da assembleia não aceitava as insti-

nuações do pelego de que uma oposição de intransigência poderia fazer que os metalúrgicos de São Bernardo recebessem um aumento com índice inferior mesmo ao decretado pelo governo federal (o que é no mínimo um absurdo ou conversa para boi dormir). Da mesma forma, a assembleia se insurgiu contra a proposta de votação secreta apresentada pelo presidente do Sindicato, fazendo papel picado das cédulas distribuídas pela diretoria consultando sobre a aceitação ou não da proposta patronal.

O exemplo do ABC não foi seguido apenas quanto a combatividade e disposição de luta. Os piquetes, que pararam as principais fábricas de São Bernardo, São Caetano e Santo André foram copiados pelos operários de Santo André. Ja a noite de ontem, um grupo de 200 metalúrgicos da General Motors dirigiu-se diretamente para a Metalúrgica Fiel, empresa com três mil operários, paralisando-a totalmente. Na manhã de quarta-feira, entre 5 e 7 horas, outras fábricas importantes também pararam: General Motors (112 mil trabalhadores), Embraer (2 mil trabalhadores), Eaton (2.500 trabalhadores), Erikson (15 mil trabalhadores), Bundy (1.500 trabalhadores), National (3.000 trabalhadores), Sade (700 trabalhadores) e Embrap.

A sustentação da greve e a entubação de negociações com os patrões ficará a cargo de uma Comissão Interfábricas (que reúne trabalhadores representantes de comissões de fábrica das empresas Paralisações), em conjunto com a diretoria do sindicato que, foi totalmente ultrapassada no processo de mobilização.

**4**

## O quebra-pau

Em São Caetano a greve começou mais cedo. Os 1.200 trabalhadores da Brasina paralisaram suas atividades antes da assembleia do dia 12, em solidariedade aos diretores do sindicato que foram detidos, enquanto distribuíam convocatórias nas portas de fábrica, segundo informação do secretário do sindicato de lá, Antônio Albertine.

As 19h30 os 1.500 trabalhadores que lotavam as dependências e a frente do Sindicato dos Texteis ainda esperavam ansiosos a chegada da comissão encarregada de negociar com os patrões. Entre-se um panfleto para um casal de namorados, e o rapaz abre um sorriso de orelha a orelha: «— Nos na Copacabana vamos ser os primeiros a parar».

— Vai greve?

Ah, iamos esquecendo, o presidente Cid promete lutar por um adicional de 15% aos percentuais do convênio. Vai firme, Cid?

— Se 250 mil metalúrgicos estão parados no ABC por que é que não podemos fazer o mesmo? Perguntou um operário. Ele, como a totalidade da assembleia não aceitava as insti-

ram. Algumas comissões foram organizadas imediatamente e se dirigiram às fábricas que funcionavam no período noturno.

A oposição do sindicato dos metalúrgicos de São Caetano, depois das últimas eleições, estabeleceu-se e agora está se reorganizando.

Esta informação é de um representante da oposição que esclareceu ainda maneira como foi formada a Comissão Salarial. Segundo ele, a comissão é aberta, graças a luta de oposição. E só não é mais porque a diretoria restringe a participação dos trabalhadores. Disse ainda que a tentativa de se colocar em votação a proposta de greve (uma votação que, segundo o presidente, não era mais que uma manobra do sindicato. Isso porque a categoria já estava toda mobilizada e consciente da necessidade da greve).

Logo após a assembleia que decidiu a greve a Villares e o setor de tapeçaria da General Motors pararam.

As 5h da manhã de terça-feira os operários começaram a chegar ao sindicato.

Logo, a travessa Comandante Salgado estava completamente lotada de trabalhadores, que se organizavam em grupos para ir às portas das fábricas.

O presidente do sindicato orientava os trabalhadores para que estes fossem para casa ou, se quisessem, ajudassem na organização da greve.

Os operários da oposição, no entanto, instituíram para que todos ficassem no sindicato para trabalhar pela greve.

Entre os operários da oposição, o presidente do sindicato orientava os trabalhadores para que estes fossem para casa ou, se quisessem, ajudassem na organização da greve.

Os operários da oposição, no entanto, instituíram para que todos ficassem no sindicato para trabalhar pela greve.

Entre os operários da oposição, o presidente do sindicato orientava os trabalhadores para que estes fossem para casa ou, se quisessem, ajudassem na organização da greve.

Entre os operários da oposição, o presidente do sindicato orientava os trabalhadores para que estes fossem para casa ou, se quisessem, ajudassem na organização da greve.

Entre os operários da oposição, o presidente do sindicato orientava os trabalhadores para que estes fossem para casa ou, se quisessem, ajudassem na organização da greve.

Entre os operários da oposição, o presidente do sindicato orientava os trabalhadores para que estes fossem para casa ou, se quisessem, ajudassem na organização da greve.

Entre os operários da oposição, o presidente do sindicato orientava os trabalhadores para que estes fossem para casa ou, se quisessem, ajudassem na organização da greve.

Entre os operários da oposição, o presidente do sindicato orientava os trabalhadores para que estes fossem para casa ou, se quisessem, ajudassem na organização da greve.

Entre os operários da oposição, o presidente do sindicato orientava os trabalhadores para que estes fossem para casa ou, se quisessem, ajudassem na organização da greve.

Entre os operários da oposição, o presidente do sindicato orientava os trabalhadores para que estes fossem para casa ou, se quisessem, ajudassem na organização da greve.

</

**R**ua João Basso, 161, São Bernardo do Campo. Nesta sexta-feira, dia 8, é, sem dúvida, o endereço mais frequentado da cidade pelos não colunáveis, onde se concentram as mais importantes fábricas do setor automobilístico do Brasil. São 20 horas. É muito difícil para alguém chegar até o terceiro andar da sede do Sindicato dos Metalúrgicos, onde está localizado os salões de assembleias.

O encontro das 20h é o segundo que o sindicato promove naquele dia, quando mais de 10 mil pessoas passaram pela sua sede. Gente se comprimindo nos corredores, sentada no palco do auditório, no chão, acotovelando-se no mezanino. Todos querem ouvir, conhecer detalhadamente o resultado das negociações que 34 sindicatos de trabalhadores do setor metalúrgico, do ABC e do interior paulista há mais de 80 horas promovem com 22 sindicatos patronais.

Há um burburinho muito grande precedendo o início da reunião. Discussões entre pequenos grupos de militantes sindicais, no rosto de muitos deles expressada a certeza de que, agora em diante, chegou a hora de enfrentar a hora da verdade.

É o doutor Mauricio, advogado do sindicato que se vê incumbido de explicar a resposta didaticamente, item por item, daqueles oito principais apresentados pelos 500 mil metalúrgicos.

#### Mais dinheiro

O item primeiro é aquele mais ansiosamente esperado pela grande massa, é o do «tutu» reivindicado pelos trabalhadores. Eles pediram 34,1% acima do que o Governo decretar oficialmente (44% segundo determinação de Geisel). É o dinheirinho do pão, do arroz, do feijão e da carne cada vez mais escassos na mesa operária, como não se cansa de denunciar muita gente.

Por isso, que ninguém se admira: quando o advogado leu a contra proposta dos homens da Federação das Indústrias (FIESP): 58% para os que ganham até três salários mínimos (37% dos assalariados) 54% entre três e seis salários mínimos, 50% entre seis e 10, e o índice do governo para a minoria que ganha mais de 10 salários mínimos (apenas 4,5% dos assalariados da região) a vaia foi estrepitosa, podia ser ouvida a vários quartéis de distância.

Igual sorte mereceu a resposta patronal ao piso salarial: enquanto os metalúrgicos pediam um piso de três salários mínimos (Cr\$ 4.600,00) os patrões não pensavam em nada superior a Cr\$ 3.000,00. E a galeria sabe quanto é importante o piso salarial, principalmente quando se tem um Fundo de Garantia para facilitar as dispensas e recontrações com salários aviltados.

A unificação das datas-base com os metalúrgicos de São Paulo, Guarulhos e Osasco nem sequer foi cogitada. Os patrões sabem o que querem. Como disse Paulo Francini, um dos maiores esclarecidos dos quadros empresariais, «nós não vamos dar carona para ninguém fazer política», que é o perigo que ele vê na data-base unificada. Isto é, os patrões preferem, mesmo os mais liberais que os trabalhadores estejam divididos e isolados. Um dissídio conjunto seria uma arma que ele não poderia de jeito nenhum entregar aos operários.

#### Delegado sindical

«É preciso estabilidade para o delegado sindical», continua o advogado, ao falar da principal reivindicação das lideranças sindicais de São Bernardo — bem maior do que aquela das amplexacões dos trabalhadores, em sua maior parte sensibilizados por questões de caráter econômico. E foi com uma certa surpresa, que todas aquelas pessoas viram o circunspecto doutor afirmar qual o destino das lideranças mais conhecidas e sem imunidades sindicais: «receberem um ponta pé na bunda». O delegado sindical é mais temido, do que a cruz pelo diabo. Que o digam os Mindlin, os Marcondes, Francini e os De Nigris da vida: para o doutor Mindlin, o delegado representa um duplo poder na empresa, algo que alteraria toda a estrutura e a relação de forças no interior da empresa. Para o presidente da Fiesp, Teobaldo de Nigris, ela seria uma intrusão na administração da empresa — principalmente porque será feita por pessoas sem competência. Afinal, raciocina, todo operário é uma toupeira. Francini, menos incisivo, prefere deixar as discussões para o futuro.

Da mesma forma foram negadas a redução da jornada de trabalho para 40 horas (mais do que natural, se depender do De Nigris ela no mínimo será multiplicada por dois) como já vem sendo feita em países como Alemanha e França. Reajustes trimestrais de salário? Nem pensar. Idem para estabilidade após 90 dias de trabalho. Única consolação: os aciditados terão estabilidade.

Então, ninguém se surpreendeu com a inflamação da massa, que recebeu algumas injetões nos discursos de alguns diretores do sindicato, como Djalma de Souza Bom que reclamava uma melhor distribuição de riqueza em favor de quem produz e chamava de necessidade de mostrar quem fazia funcionar as máquinas. E pelo Lula que mostrou a falácia dos empregadores que accusam os trabalhadores de querer radicalizar, não apresentar oportunidade de discussão e entendimento.

E mostra que em 1979, houve uma antecedência mais do que suficiente para os patrões tomarem posição diante da proposta dos sindicatos.

E não precisou muita discussão para se chegar à proposta da diretoria do sindicato para aquela assembleia, já aprovada pela assembleia das seis horas e apresentada em milhares de boletins distribuídos na porta do sindicato. Greve geral a partir da meia noite de segunda-feira. Tem muita gente que lamentou não ter tantos braços quanto um polvo para poder levantar em apoio à greve.

A guerra estava deflagrada. No boteco da esquina, lotado, a turma se preparava condignamente para a festa.

**A**pouco menos de seis horas do início da greve, o ambiente no auditório do Sindicato de São Bernardo não pode estar mais descontraído, apesar das milhares de pessoas que se comprimem assentadas e em pé, superlotando o recinto e os corredores São 18h30m. de segunda-feira.

Enquanto aguardam a chegada de Lula, que no momento se encontra nas negociações diretas com os patrões da Fiesp, os metalúrgicos vão matando o tempo com o improviso de brincadeiras, muito riso, assobios e piadas em voz alta. Um bom humor surpreendente para quem vai participar de uma assembleia cujo assunto principal é a ratificação — ou não — da deflagração de um novo movimento grevista, na semana passada e que coincidentemente torna posse o novo general Presidente da República.

Bolsas de papel atravessam o auditório rumo ao alvo, em geral, a cabeça de um dos presentes. Aviõesinhos de papel cortam o ar morno e enfumado. Alegremente, ninguém dá mostras de ter pressa. Afinal, no dia seguinte ninguém vai trabalhar...

A assembleia estava marcada para um campo de futebol, mas a chuva impedi a realização lá. Como o auditório da sede do sindicato, para onde

# Os sindicatos assumem

Aqui, passo a passo, a descrição de como as entidades dos metalúrgicos de São Bernardo e Santo André encabeçam o movimento de paralisação.



Terça-feira, assembleia dos 60 mil ...



... em São Bernardo



Lula, momentos antes da greve, na assembleia de segunda-feira

foi transferido às pressas o encontro, é pequeno, há gente aglomerada no andar inferior, e também nas ruas que dão acesso ao prédio. Total de presentes: 20 mil pessoas, segundo as estimativas correntes.

De repente anuncia-se no microfone que Lula acabou de chegar da Fiesp. A massa de trabalhadores responde imediatamente nos três andares: «Lula! Lula! Lula!». Ar cansado, mas muito tranquilo, o dirigente sindical toma a palavra, sentado, com paciência porque «aqui vai ser curto e grosso». Em seguida o advogado da entidade, Dr. Mauricio apresenta a nova proposta patronal: 63% de aumento para quaisquer trabalhadores que recebem entre um e três salários mínimos; 57% para os que recebem de três a dez; e o índice oficial do governo, 44%, para os que recebem acima de dez; é a mais importante. Há três negativas da parte dos empresários: delegado sindical, estabilidade no emprego e unificação da data base com os metalúrgicos do capital.

Pouco depois, numa entrevista, ele esclareceu melhor seu alerta: «é que algumas pessoas tentam ligar a nossa greve com a posse do general Figueiredo, ou com outros movimentos que houve no passado».

Em torno de Lula, que é o centro da atenção, ele fala em detalhes seu ponto de vista de que os metalúrgicos não podem abrir mão da reivindicação de delegados sindicais. E em seguida passa a palavra para Djalma de Souza Bom, também da diretoria da entidade um rapaz cuja liderança vem crescendo a olhos vistos nos últimos meses em São Bernardo.

A assembleia já está praticamente encerrada, mas Lula retorna e pede que todos escutem «que a imprensa registre: «há pessoas, até do lado empresarial, que querem confundir o nosso movimento com um movimento político. Quero deixar bem claro que este movimento é meramente reivindicatório. Se alguma pessoa tentar envolver a nossa greve com movimento político, essa pessoa será denunciada aqui em assembleia. E se vocês perceberem alguém da

retoria ou membro da comissão de salário querendo dar uma caráter político no movimento, vocês tem que denunciar e expulsar o sindicato».

E mais: «o nosso movimento é para conseguir melhores condições de trabalho. Isso tem que ficar bem claro para nós trabalhadores para as autoridades e para todo o povo brasileiro. É um movimento para melhorar a nossa situação, para evitar que nossos filhos continuem a morrer de fome e é um movimento para que as nossas mulheres deixem de se envergonhar com aquilo que nôs ganhamos».

Pouco depois, numa entrevista, ele esclareceu melhor seu alerta: «é que algumas pessoas tentam ligar a nossa greve com a posse do general Figueiredo, ou com outros movimentos que houve no passado».

Em torno de Lula, que é o centro da atenção, ele fala em detalhes seu ponto de vista de que os metalúrgicos não podem abrir mão da reivindicação de delegados sindicais. E em seguida passa a palavra para Djalma de Souza Bom, também da diretoria da entidade um rapaz cuja liderança vem crescendo a olhos vistos nos últimos meses em São Bernardo.

A assembleia já está praticamente encerrada, mas Lula retorna e pede que todos escutem «que a imprensa registre: «há pessoas, até do lado empresarial, que querem confundir o nosso movimento com um movimento político. Quero deixar bem claro que este movimento é meramente reivindicatório. Se alguma pessoa tentar envolver a nossa greve com movimento político, essa pessoa será denunciada aqui em assembleia. E se vocês perceberem alguém da

de manhã conviver com suas famílias pelo menos aquilo que as multinacionais não deixaram vocês conviverem no tempo que trabalharam para ela. A outra, ao responder às atitudes do «poder econômico, que não acredita na nossa capacidade de luta»: «vamos dar uma demonstração de que somos brasileiros e queremos que a riqueza fique no Brasil».

O dirigente sindical autêntico lança um alerta: «Estão tramando uma provocação para a classe trabalhadora e nós não podemos aceitar. Existe alguém preparando uma cilada para nós e nós precisamos toda a grandiosidade da classe trabalhadora para não entrar no joguinho do poder econômico frases cortadas por um comentarista do meio do público — «nós mata ele», cercado de risadas gerais. Prossegue na advertência: «Muita coisa de ruim poderá acontecer, mas cada um de nós que sofrer, o outro tem que se dobrar, se desdobrar, para valer por dois».

Luiz Inácio nega o caráter mais abrangente da greve: «existe muita gente querendo transformar o nosso movimento num movimento político. E nós trabalhadores vamos dar uma demonstração de que movimento é reivindicatório, que nós queremos melhores condições de trabalho. Não é o momento de nós darmos milho para bodes, diz ele alinhando as reivindicações econômicas da categoria nesta campanha salarial.

E por fim, Lula recomenda que é preciso conscientizar os fura-greve de que «eles não podem ficar esperando que nós lutemos por eles, pois precisamos criar vergonha e lutar também». E ainda, de que os metalúrgicos não devem aceitar nenhuma orientação das autoridades apenas do sindicato de classe.

**M**esmo com a chuva, 3.500 metalúrgicos de Santo André foram ao seu Sindicato na segunda-feira, para decidir se ratificavam ou não — em função das ofertas patronais — a proposta de greve aprovada na sexta e divulgada durante todo o fim de semana.

A disposição de luta dos participantes iria ficar cada vez mais clara durante o transcorrer da assembleia. E, também, a tentativa do presidente do Sindicato, Benedito Marcilio, em transmitir aos associados os riscos que corriam com a decretação da greve: «temos que examinar com cuidado o que podemos ganhar ou perder com essa posição. Nem tudo que se quer, consegue-se de uma vez».

Em seguida, fez a sua análise do equilíbrio de forças que acreditava existir entre os dois lados. «Temos a massa ao nosso lado, o que é muito importante. Mas temos fortes pressões contra nossos interesses: o arrocho salarial, a legislação antigreve, inclusive a ameaça de enquadrar a categoria no decreto que proíbe as paralisações nos setores considerados essenciais».

Segundo ele, os patrões jogaram tudo na mesa de negociações: a afirmação de que têm o governo a seu lado e que têm a força para «massacrá» o movimento, se quisessem. Mas não são apenas os empresários, acrescentou Marcilio. Durante as conversações, o governo ditou ordens de Brasília para a Fiesp, para que não aceitasse a reivindicação de estabilidade para o delegado sindical — uma das maiores aspirações de todas as categorias.

#### Mais riscos

Depois do encontro com os patrões, Marcilio disse ter ouvido a opinião de outros negociadores. E todos — menos ele e o Lula, de São Bernardo — tinham aceito o acordo proposto pelos patrões (pela primeira vez, as vaias são tão fortes, a ponto de impedir que ele prossiga).

«O Lula e eu decidimos voltar às nossas assembleias e decidir, democraticamente, que atitude tomar. Temos que dar uma resposta aos patrões até amanhã ao meio dia. Se não aceitarmos a proposta, eles prometeram instaurar um dissídio coletivo e a Justiça do Trabalho, como todos sabem, tem longa tradição de sentenças desfavoráveis aos trabalhadores».

Depois de advertir contra todos os «grandes riscos» que cercavam a possível decretação da greve, Marcilio encaixou sua proposta: «como alternativa, poderíamos rechaçar a proposta dos patrões, voltar amanhã à mesa de negociações e, se o acordo ainda não for favorável, decretarmos a greve em nova assembleia». E o plenário explodiu em vaias e aos gritos de «greve! greve! greve!».

#### «Piada»

A disposição de luta dos 3.500 metalúrgicos pôde, a seguir, ir de encontro às intervenções dos metalúrgicos Timóteo e Toninho — também preocupados em mostrar aos companheiros aspectos da luta até então não abordados.

Timóteo argumentou que «o trabalhador já perdeu tudo nesse país, só falta a paciência». E acrescentou: «chegou o momento de dizer aos patrões e ao governo que ninguém passa por cima desse Sindicato e dessa categoria».

O aplauso e os gritos de «greve, greve, greve» explodiram de novo. E iriam aumentar nos momentos seguintes.

«Realmente, é de grande importância a diretoria do Sindicato prestar esclarecimentos, mas não devemos esquecer que a proposta dos patrões é uma piada». Por que uma piada, explique Toninho: «os 63% oferecidos prevêem o desconto dos aumentos obtidos nos últimos 12 meses eles não aceitaram o delegado de fábrica, que é uma reivindicação fundamental; e, além disso, 40 mil metalúrgicos de São Bernardo acabam de aprovar sua greve».

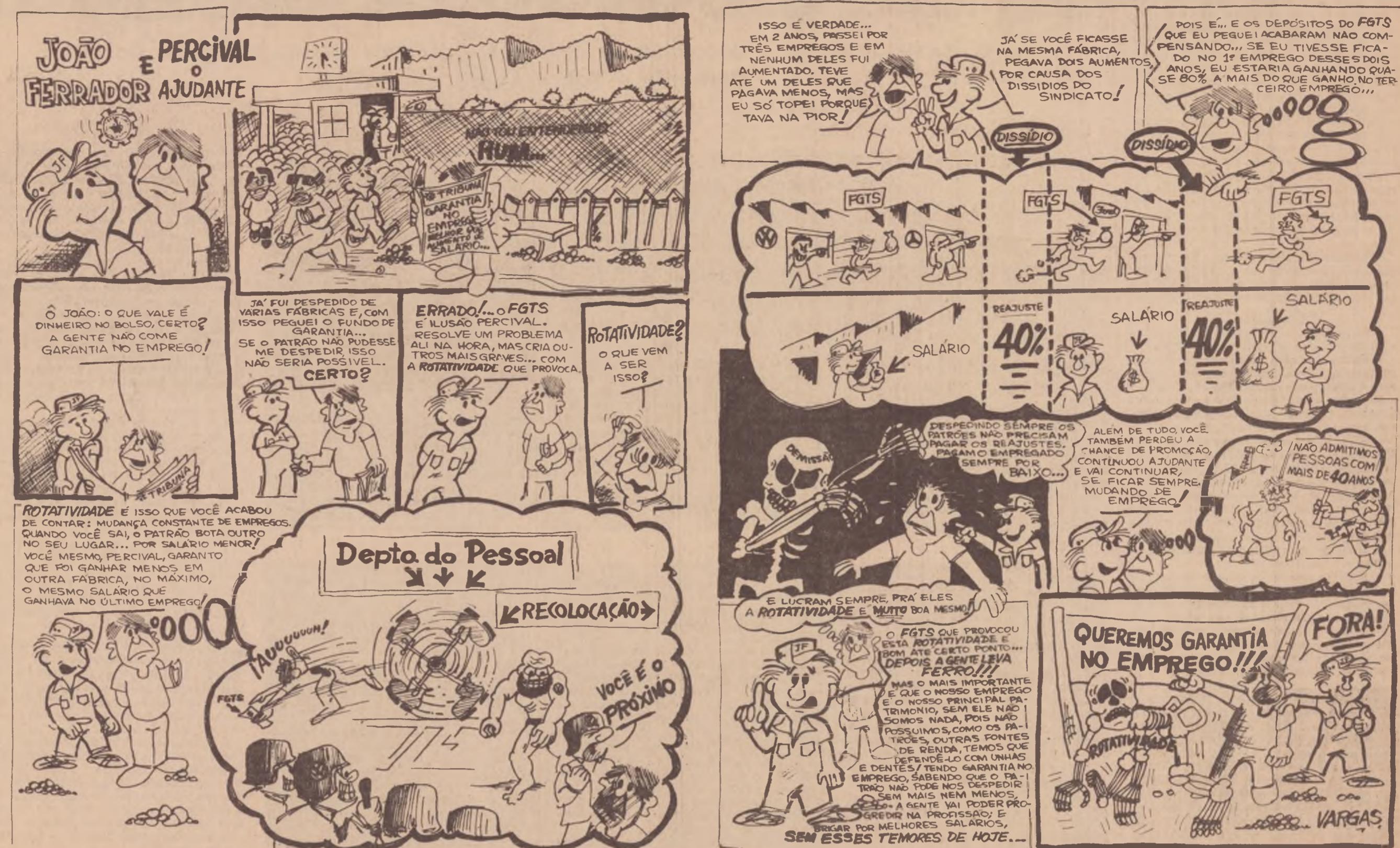
Aos aplausos e palavras de ordem do plenário, somavam-se agora faixas das principais fábricas de Santo André, reafirmando sua adesão ao movimento.

Toninho propõe que o plenário aproveite greve a partir da meia noite e a diretoria do Sindicato encaminhe. Marcilio começa a dizer — «sei que tudo isso é muito bonito...» — mas os gritos de greve encobrem sua voz.

O caminho estava definido pelos 3.500 metalúrgicos e Marcilio voltou a falar, para decretar a greve e encaminhar sua organização.

# Garantia no emprego x rotatividade

A edição sobre a campanha salarial do jornal «Tribuna Metalúrgica» do Sindicato de São Bernardo trás esta história em quadrinhos.



## SERVIÇO Contrato coletivo de trabalho: um bicho de 7 cabeças?

Nas últimas duas semanas 34 sindicatos de trabalhadores e 22 de patrões engafinharam-se na Federação das Indústrias de São Paulo para uma negociação direta visando firmar um «contrato coletivo de trabalho». Afinal, do que se trata? Veja nesta matéria a explicação do que vem a ser esta reivindicação do movimento sindical, que começa a acontecer na prática a partir das greves de maio de 78 para cá.

O primeiro passo que o trabalhador dá quando arranca um novo emprego é assinar um contrato com o patrão. Contrato é um acordo que duas ou mais pessoas fazem entre si. Ele pode ser escrito ou verbal. Dentro da lei trabalhista o que vale é o seguinte: se o trabalhador puder provar que ele e o patrão (ou seu representante) combinaram alguma coisa, a Justiça do Trabalho reconhecerá naquilo um contrato de trabalho, e obrigará o patrão e ele a cumprir o que ficou combinado.

Toda pessoa que trabalha para uma empresa ou pessoa individual, numa atividade lucrativa ou não, é empregada dentro das normas previstas na CLT, Consolidação das Leis do Trabalho, desde que esteja prestando serviços permanentes, cumprindo ordens e determinações, obedecendo a um horário de trabalho, recebendo por esses serviços.

Nessas condições deve existir um contrato de trabalho para regular o relacionamento entre trabalhador e empresa. Mesmo que não exista um, contrato por escrito ele estará existindo de fato, podendo a qualquer tempo ser reconhecido na Justiça do Trabalho com a garantia de todos os direitos do trabalhador.

### Individual & Coletivo

Chama-se contrato individual de trabalho, o contrato feito entre a empresa e cada empregado separadamente.

O contrato pode ser por prazo determinado ou indeterminado. Escrito ou verbal, não pode conter cláusulas ou condições que contrariam dispositivos de lei ou de contratos coletivos. Assim, por exemplo, não tem valor algum um contrato individual de trabalho fixando uma jornada de trabalho de dez ou mais horas diárias, ou estabelecendo salário inferior ao salário mínimo da região.

Segundo advertem os advogados trabalhistas, sempre é melhor que o contrato esteja escrito. E o documento principal do trabalhador é sua carteira de trabalho. A empresa tem obrigação de anotar ali todas as alterações que houver no contrato (aumentos, mudanças de função, férias, etc.).

Quando o contrato é escrito, e registrado na Carteira de Trabalho, tudo é mais fácil quando existe necessidade

de fazer uma reclamação na justiça. Quando o contrato é verbal, o trabalhador precisa de testemunha para provar o seu direito. Daí a importância de registrar na Carteira tudo aquilo que modifica o contrato.

Ha também o Contrato Coletivo de Trabalho, que é realizado entre os Sindicatos de empregados e empregadores, e vale para toda a categoria que está sendo representada. Sendo o acordo feito pelo Sindicato dos empregados com uma ou mais empresas do setor, é chamado de Acordo Coletivo de Trabalho.

As condições estabelecidas nos contratos coletivos, quando mais vantajosas, prevalecem sobre a dos contratos individuais.

O contrato ou acordo coletivo pode ser mais vantajoso para os trabalhadores, porque é feito através do seu sindicato, que tem mais força para defender e fazer valer perante a empresa ou perante os sindicatos patronais melhores condições de trabalho. Mas isso só pode acontecer se os assalariados dentro da empresa tiverem consciência dos seus direitos e trabalhando articuladamente a quem o empregador designar. Em última instância, ao próprio empregador, o sr. Vie Lares.

Nos contratos coletivos, o movimento sindical pode conseguir mais benefícios para o trabalhador, no que se refere à remuneração, ao horário de trabalho e demais condições de trabalho, porque no contrato individual, o patrão só está obrigado a conceder os benefícios mínimos previstos na legislação trabalhista. No entanto, o contrato ou acordo coletivo, no Brasil são pouco utilizados, sendo regra o contrato individual.

### Relações de trabalho

Vamos tomar um exemplo tirado do dia-a-dia. João é ferramentista e está desempregado. De alguma forma soube que a Metalúrgica Albert Vie Lares Ltda está precisando de um bom profissional. João se dirige à firma e conversa com Vie Lares, seu futuro patrão. Este faz algumas perguntas sobre as habilidades profissionais de João, fica satisfeito com suas respostas e diz: «Bem, o horário é das dez da noite às cinco da madrugada, descanso no domingo e o salário é de Cr\$ 10 mil». Como é um patrão cumpridor da lei, manda João tirar carteira de saúde e passar no contador para assinar a



carteira de trabalho. E arremata: «Está aqui amanhã, as dez da noite em ponto».

Presupõe-se que João aceite as condições oferecidas e comece a trabalhar, o que aconteceu, segundo a lei brasileira. Surgiu um contrato individual de trabalho. Esse contrato gera direitos e obrigações recíprocas para João e para a firma metalúrgica. Por exemplo, a empresa poderá exigir de João o cumprimento da prestação dos serviços a que se obrigou, no horário das 22 às 5 horas, diariamente, com exceção do domingo. João, por seu lado, tem direito a exigir da empresa o pagamento mensal dos salários. Além disso, João estará subordinado hierarquicamente a quem o empregador designar. Em última instância, ao próprio empregador, o sr. Vie Lares.

Mas João e a Metalúrgica não combinaram nada a respeito de, por exemplo, férias, salário-família e 13º salário. Isso quer dizer que João não terá direito a esses benefícios trabalhistas? Terá direito, sim, porque essas vantagens, além do salário, vem fixadas em lei. Mais exatamente os dois primeiros itens, na própria Constituição da República. O 13º salário, numa lei especial.

O exemplo ilustra o entendimento de que para o Direito, as condições de trabalho são estabelecidas pelo contrato individual de trabalho, isto é, um empregado e um empregador — ou pela lei fixada pelo Estado. Dessa forma, se entende que empregado e empregador são livres para fixar condições de trabalho, segundo as leis do mercado, até o momento em que a autoridade pública, através de atos legislativos, substitua as vontades de um e de outro, pela vontade da lei. Mesmo que João e a Metalúrgica estivessem de acordo, esta não poderia, por exemplo, pagar a João menos que o salário-mínimo, porque a lei assegura a João o direito, de que não pode abrir

mão, ao salário-mínimo fixado em lei. A firma poderá ser multada se assim agir e — repita-se — mesmo que João estivesse de acordo. Acima do salário-mínimo, todavia, João e a empresa estarão, em princípio, livres para fixar a remuneração que bem entenderem.

### Definição de OIT

Logo os trabalhadores perceberam que não estariam protegidos suficientemente se deixassem a fixação das condições de trabalho apenas para o contrato individual ou para a elaboração legislativa. No primeiro caso, cada trabalhador deveria discutir com seu futuro empregador, uma a uma, as condições da relação de emprego. Além de ser a parte mais fraca, com exceção, talvez, da mão-de-obra sofisticadamente qualificada, que praticamente comanda o contrato com seu empregador, o trabalhador não terá, ao necessário imediatamente de um salário para sobreviver, a capacidade de manobra pelo menos razoável para, diante do empregador, obter um ajuste de trabalho ao menos digno. Além disso, há uma oferta de mão-de-obra idêntica à disposição do empregador.

No jogo democrático, a elaboração legal é vagarosa e sujeita a surpresa, nem sempre do interesse — interesse e não direitos — dos trabalhadores. Digamos que ela seja — também — insuficiente para cuidar das relações diárias e dinâmicas do trabalho, mais rápidas que a lei. Dessa forma, pode-se qualificar como caminho natural o da busca de relações coletivas de trabalho. O empregado não fala e trata só por si, mas por uma categoria. O empregador não precisa contratar com cada um de seus empregados o que, no sistema de produção em massa, é inviável, mesmo porque o empregador também transmudou-se em uma entidade despersonalizada: é regra geral uma grande empresa departamentalizada.

«Contrato coletivo», diz a Organização Internacional do Trabalho na Recomendação nº 91, «é todo acordo escrito relativo às condições de trabalho e de emprego, celebrado entre um empregador, um grupo de empregados ou por uma ou por várias organizações de empregadores, por um lado, e, por outro, uma ou várias organizações representativas de trabalhadores ou, em sua falta, representantes dos trabalhadores

interessados, devidamente eleitos e autorizados por este último, de acordo com a legislação nacional».

A definição da OIT é longa, porém apresenta todos os elementos do contrato coletivo. De forma resumida, é um acordo escrito entre empregados e empregadores, conforme determinar a legislação de cada país, visando a tratar das «condições de trabalho e de emprego».

A lei brasileira também define a convenção coletiva de trabalho. Para ela, é o acordo de caráter normativo, pelo qual dois ou mais sindicatos representativos de categorias econômicas e profissionais estipulam condições de trabalho aplicáveis, no âmbito das respectivas representações, as individuais de trabalho.

### Produção de massa

Para ilustrar seu ponto-de-vista de que a convenção coletiva de trabalho aparece na história antes da própria organização sindical reconhecida, e quase sempre como ponto de partida desta, um autor de direito de trabalho conta a história de uma das primeiras greves do País, ocorrida na Bahia em junho de 1919. Segundo ele, houve adesão de todas as categorias a essa greve, iniciada pelos tecelões, se a cidade inteira se viu literalmente paralisada. E o que resultou dessa greve? Exatamente a assinatura de um «acordo coletivo de condições de trabalho».

Segundo os jornais da época, diz o autor, vários empregadores e um Comitê Central de Greve (não havia ainda sindicatos) puseram fim à greve assinando um documento que estabelecia: 10% de aumento sobre as obras de primeira qualidade e 15% sobre as demais; 10\$000 pelas obras de primeira para os homens e \$8000 para as mulheres; reconhecimento do dia de oito horas; reconhecimento do direito de associação dos empregados; e direito de não serem despedidos pelas reclamações apresentadas.

Isto chama a atenção para o seguinte fato: num primeiro momento da revolução industrial e deverá ser em futuro próximo aqui no Brasil o principal instrumento a regular as relações entre empregados e empregadores. Segundo outro autor, ele é a aplicação dos processos democráticos nas relações entre empregados e empregadores, máxima conquista dos trabalhadores, o meio pelo qual podem, através de seus sindicatos, discutir e elaborar as normas que irão reger suas próprias relações de trabalho».

mentre muitas vezes por força das ações coletivas inarticuladas de reivindicação, entraram numa fase regulamentar, na qual o próprio estado procura regularizar os acordos coletivos. Como diz um outro autor, «visando a incorporar e consolidar as convenções coletivas de trabalho no ordenamento jurídico».

Verificando a história, sabe-se que em 1799 uma delegação de sapateiros da Filadélfia (EUA) entrou em acordo com seus empregadores para fixação de lista de preços dos produtos que fabricavam para eles. Teria sido o primeiro exemplo de acordo coletivo nos Estados Unidos. Mas, antes disso, em 1351, 1362 e 1363, há notícias de contratos coletivos na Inglaterra, envolvendo trabalhadores tecelões. E ferreiros, em 1437. Os sapateiros em 1460. E dai até os nossos dias — segundo uma publicação da USIS, em 1963, nos Estados Unidos, contavam-se cerca de 140 mil contratos coletivos em vigor, alguns deles com cerca de 300 páginas. Como lembra um autor, «abrangendo todo o programa que, para encurtar, poderíamos comparar a matéria condida na nossa Consolidação das Leis de Trabalho, na Lei Orgânica da Previdência Social e na Lei de Acidentes do Trabalho». Esse mesmo autor lembra que problemas da tecnologia moderna, como a automação, vêm sendo um ponto capital nas negociações coletivas. «Na Rússia Soviética, onde cada fábrica tem seu contrato coletivo, na Alemanha, na Inglaterra, na França, na Itália, na Suécia, para só indicar os principais países industrializados da Europa, contam-se por centenas de milhares o número desses «códigos do trabalho», envolvendo dezenas de milhões de trabalhadores».

Em resumo, o contrato coletivo de trabalho é um fenômeno ligado à produção de massa, nascido com a revolução industrial e deverá ser em futuro próximo aqui no Brasil o principal instrumento a regular as relações entre empregados e empregadores. Segundo outro autor, ele é a aplicação dos processos democráticos nas relações entre empregados e empregadores, máxima conquista dos trabalhadores, o meio pelo qual podem, através de seus sindicatos, discutir e elaborar as normas que irão reger suas próprias relações de trabalho».

# Morte e Vida de Chicão

*De volta do exílio na primeira semana de março, Francisco Raymundo Paixão, o Chicão das lutas camponesas de Minas Gerais do começo dos anos 60, por muitos tido como morto pela repressão, contou sua vida para o EM TEMPO. São quase 40 anos de luta passando pelo PTB, pelo PC, pelas ligas camponesas do pré-64, por 3 exílios sofridos e por quase dois anos de repressão em vários cárceres do regime.*

— Chicão, pelo que se sabe, você sempre foi sapateiro em termos profissionais. Como veio a se tornar um líder camponês?

— Minha infância foi de filho de camponês. Quando nasci, em 1931 no interior do norte de Minas, meu pai trabalhava no campo como dia-rista. E todos os irmãos, éramos onze, pegavam-nos na enxada para ajudar no sustento da casa. Só quando eu completei uns 12 anos é que nós mudamos para a cidade. Lá, em Mantena, é que eu comecei então no ofício de sapateiro, do qual nunca mais larguei. Mas a verdade é que meu espírito sempre esteve ligado ao campo e seus problemas.

— Dizem que você é auto-didata, nunca cursou escola...

— Não é bem assim. Eu cursei durante muito tempo, só que não passava de ano. Foi um custodiano acabar o grupo e depois disto fiquei durante anos tentando passar da admisão, até que desisti. Desisti, por que comecei a ver que a vida estava me ensinando muito mais do que os livros. Quando eu tinha uns 18 anos, morando em Conselheiro Pena, um falso amigo, o crioulo Vir-

Comecei a ler o Marxismo sem saber o que era

— Até quando vai o seu trabalhismo enquanto ideologia política?

— Logo que me casei, consegui montar uma pequena fabriqueta de artes de couro em Governador Valadares. Mas mesmo assim, ainda continuei ligado às lutas camponesas da região dentro da política do trabalhismo. Quando Getúlio morreu, fui eu a oficina por 4 dias de luto. No final dos anos 50 é fundado um jornal em Governador, O Saci. Malkhava meio mundo, era uma maravilha... Em seguida ele é fechado e surge um outro, O Combate, que foi o melhor jornal de Governador. E eu comecei a frequentar as reuniões do Combate. Nesta mesma época, fundei na cidade o Sindicato dos Trabalhadores de Caçadores, passando a lutar contra os patrões, mesmo sendo eu próprio um pequeno patrão. Foi então que, pelo apoio que O Combate dava às nossas lutas, eu comecei a me aproximar do pessoal, e pouco a pouco fui me entrosando com o Partido Comunista.

— Quando é que você volta ao trabalho no campo?

— Só bem depois disto. No começo de 1960 resolvemos que eu devia ir para Acesita, trabalhar na siderúrgica. Conseguir ficar lá uns dois anos, onde fizemos uma estupenda campanha de sindicalização, chegando eu, inclusive, a me eleger para a direção do Sindicato. Mas os tempos começavam a mudar, e pouco depois levei uma prensa da Segurança da fábrica que, entre acusações de cubano e moscovita, me dá um prazo de 24 horas para abandonar a cidade. Sabendo eu de um complô armado pela polícia local para me matar, fujei rapidamente dentro de um banheiro de um trem, de volta para Governador Valadares. E então que vou a Belo Horizonte para uma reunião do Partido, onde depois de longas discussões, concluímos que o campo estava se tornando uma área muito importante e que eu deveria voltar para Governador e desenvolver uma campanha de sindicalização rural. Reinstatei minha fabriqueta, e nos fins de semana pegava a bicicleta e me lançava a pedalar pelo campo discutindo com a turma, comendo um franguinho aqui, outro ali. Quando veio a Superintendência da Reforma Agrária — SUPRA, nosso trabalho já tinha um grande profundidade, e reconhecimento na massa dos camponeses da região toda.

— Entrei na causa do PTB

— Como comecei sua militância política? — em 1950 me mudei para Governador Valadares. Lá embarquei, como «maria vai com as outras» na canoa do PTB que então estava na moda. Mas já então, na fabriqueta onde trabalhava, circulavam uns livros estranhos, difíceis de entender porém lindos, sobre outras sociedades sem exploração do homem. Eu lia sem entender muito bem, o que depois vim saber serem obras de Marx, Lenin etc. Mas eu era de fato um petista encasquetado. E foi nestas que cismei um dia em conhecer Getúlio e me mandei para o Rio. Entrei na fila do palácio do Catete, e depois de alguns dias terminei conseguindo ser recebido por Vargas durante uns 20 minutos. De volta a Governador Valadares então fui tratado como tal que havia falado com o Presidente.

— Era só pose, ou já era militância trabalhista no duro mesmo?

— Por esta época começaram a aparecer uns cadáveres no Rio Doce e que ficamos sabendo se tratar de camponeses que o Tenente Pedro o Coronel Altino, após gritarem suas terras, assassinavam e lancavam no rio. Estes fatos revoltaram a cidade e foi por então que comecei a militar mesmo na política. O que terminou me valendo um casamento: em 1951 o tenente Pedro me prendeu por perseguição política, forjou uma acusação de violação de uma moça da cidade por mim. Eu, temendo me tornar mais uma de suas vítimas no rio, terminei aceitando e me casei com Edna, com quem viria a ter 5 filhos.

O Jango arrotava uma força que não tinha

— Como era o trabalho de vocês?

— Fudamos vários sindicatos rurais em Minas. Creio que algo em torno de 400. Em seguida passamos a trabalhar para a Federação e depois para a Confederação, a CONTAG. A nível de cúpula, era viagens que não acabavam mais. Para Belo Horizonte, para Brasília, Rio etc. Tudo de avião e falandos so com os gaúchos, Jango, Magalhães, Osvaldo Lima Filho — Ministro da Agricultura — etc. Lembro-me bem quando levamos a Jango a proposta de entrega das terras de propriedade do governo aos trabalhadores e ele aprovou. De volta a Governador, os coronéis estavam uma fera, desafiando-nos para duelos, mandando matar etc. Era o governo, debaixo de nossa pressão, cutucando de um lado, e a onça, do outro, ameaçando. O governo arrotava muita decisão, o que, de fato, não tinha. Lembro-me bem do dia em que Osvaldo Lima Filho chegou a Governador dizendo que ninguém teria mais do que 100 hectares de terra, nem mesmo o pai dele, latifundiário nordestino... ah!

— E a base como era o trabalho?

— O problema todo era seguir a massa. Milhares de pessoas vinham às reuniões do Sindicato para discutir o problema das terras, e não queriam de forma alguma aguardar as decisões da cúpula governamental. Mas não tínhamos armas, assim qualquer tentativa de invasão seria loucura, suicídio. Mesmo assim, algumas invasões chegaram a ser feitas, principalmente em armazéns de gêneros para obtenção de

alimentos. Em 13 de março de 1964 quando veio o decreto presidencial expropriando as terras nas margens das rodovias, a situação já estava prestes a explodir. Se a polícia local de Governador não reprimiu, por ser jangista, no entanto, ela deixava campo aberto para as polícias particulares dos coronéis fazerem o serviço. Nesta época eu andava armado com dois revólveres e guardacostas.

## Nossos grupos dos onze

— O Sindicato tinha que espécie de estrutura organizativa para a massa?

— O Sindicato era muito organizado; todo mundo tinha carteirinha, e o que valia mesmo era ter a assinatura do Chicão na frente...

— Mas eu perguntei qual a forma de organização intermediária...

— Bem, havia uma divisão em grupos de 11 pessoas, mas era tudo independente do Brizola. No auge, nós chegamos a ter 80 destes grupos, e tudo armado. E a coisa era fogo de controlar, porque havia as provocações tanto da direita como da extrema esquerda, infiltradas querendo precipitar a situação. E eu era o líder desta massa toda. Houve um episódio, da Rádio Rio Doce que frequentemente nos calunava, que chegou a um ponto em que a massa, tomada de ódio, ocupou as instalações por 48 horas. Foram 100 homens e que só saíram de lá quando mandei.

— Bem Chicão, e como foi que o golpe de 64 chegou a Governador Valadares?

— Em 63/4 eu ocupava o cargo de conselheiro da Federação dos Trabalhadores da Agricultura de Minas. No dia 31 de março, 100 homens da polícia bombardearam minha casa em Governador, que ficava ao lado do Sindicato. Estavam armados de metralhadoras, fuzis e até bazucas. Minha mulher levou três tiros nas costas e minha filha um tiro no rosto; houve vários mortos que nunca soubermos ao certo, exceto a de um jornalista do Combate que não recordo o nome. Neste tiroteio, morreu um genro do Tenente Pedro, e soube que ele jurou vingança. Foi um inferno. Era mais ou menos 16 horas quando o foguetório começou. Com muito custo, a 1 hora da manhã tinha um grande profundidade, e reconhecimento na massa dos camponeses da região toda.

— E dai em diante foi a clandestinidade permanente?

— Tive que ficar 13 dias escondido em Belo Horizonte. Quando já não dava mais, me mudei para o Rio, onde fiquei também escondido até agosto do ano seguinte. Em seguida fui para São Paulo e em outubro de 65 saí para a Europa. Mas enfim, consegui escapar ileso.

— E dai em diante foi a clandestinidade permanente?

— Tive que ficar 13 dias escondido em Belo

Horizonte. Quando já não dava mais, me mudei para o Rio, onde fiquei também escondido até agosto do ano seguinte. Em seguida fui para São Paulo e em outubro de 65 saí para a Europa. Mas enfim, consegui escapar ileso.

— Como foi sua experiência de exílio?

— Neste primeiro exílio, de início fui para Paris e em seguida para a Bulgária, onde fiz um curso de Técnicas em Cooperativismo Agrícola. Nesta época eu ainda era militante do PC. Mas



Chicão, em 1963 no Sindicato

sala. E foi outra seção de pau por vários dias, que não consegui contar.

— O que te perguntavam neste tempo todo?

— Queriam informações sobre o militarismo, e diziam que como eu estive no Chile e no Uruguai deveria saber muita coisa. Mas que nada; eu lá estivera, como lhe disse, quase que boicotado, num tremendo isolamento. Era a pura verdade, mas os torturadores não acreditavam, e era só pau.

— E quando é que você saiu das mãos da repressão?

— Ainda passei um mês bocado no 1º Distrito Naval, num presídio subterrâneo, onde o interrogatório prosseguia, mas por métodos psicológicos. Um fato curioso era que ai os interrogadores eram portugueses, o que pode notar pelo sotaque. Daí fui para a Ilha das Flores, até então, desde o primeiro dia, sempre incomunicável. Estava um monte de só carne e ossos; já não era uma pessoa humana. Eu que pesava inicialmente 70kg, estava com 50kg. Fui examinado por um médico que me mandou imediatamente para o hospital da Ilha das Cobras, de lancha: que que o que estava morto, verdade?

— Sim, e quase que fui de fato. Logo de cara, no Dops e no Exército lá em Porto Alegre a barra não foi dura; só porradas. Mas em seguida me levaram para o Rio, para a base aérea do Galeão. Desci do avião encapuçado, entrei num furgão, demos voltas e mais voltas até que parei num lugar que deveria estar a uns 500 metros do aeroporto, a julgar pelo barulho dos aviões. Lá dentro, andei uns 20 minutos por corredores compridos e me deixaram numa cela abaixo do nível, com uma terrível humidade. Cela de 2 x 2 metros só com uma janelinha por onde entregavam a comida podre. E me disseram: «daí você só sai morto, ninguém jamais resistiu mais de 30 dias». E foi um pau só: chutes nos testículos, choques elétricos, porradas com saquinhos compridos de areia por dentro, queimaduras de cigarro, baionetas, coronhadas etc. Quebraram-me todo, perdi dentes, alguns dedos não articulam mais, fiquei com as pernas imobilizadas, um trapo. Pelas marcas que fazia nas paredes quando estava consciente, fiquei lá 41 dias.

— Nesta época corriam versões em Minas de que você estava morto, verdade?

— Sim, e quase que fui de fato. Logo de cara,

no Dops e no Exército lá em Porto Alegre a barra não foi dura; só porradas. Mas em seguida me levaram para o Rio, para a base aérea do Galeão. Desci do avião encapuçado, entrei num furgão, demos voltas e mais voltas até que parei num lugar que deveria estar a uns 500 metros do aeroporto, a julgar pelo barulho dos aviões. Lá dentro, andei uns 20 minutos por corredores compridos e me deixaram numa cela abaixo do nível, com uma terrível humidade. Cela de 2 x 2 metros só com uma janelinha por onde entregavam a comida podre. E me disseram: «daí você só sai morto, ninguém jamais resistiu mais de 30 dias». E foi um pau só: chutes nos testículos, choques elétricos, porradas com saquinhos compridos de areia por dentro, queimaduras de cigarro, baionetas, coronhadas etc. Quebraram-me todo, perdi dentes, alguns dedos não articulam mais, fiquei com as pernas imobilizadas, um trapo. Pelas marcas que fazia nas paredes quando estava consciente, fiquei lá 41 dias.

— Como acabou tudo isto?

— Tão misteriosamente como me prenderam, eu saí. Uma dia, já refeito fisicamente, um capitão me chamou. Era um capitão de Fragata nordestino e chamava-se Mello. Frio, porém humano nos seus olhares, mandou que eu assinasse um depoimento, e me deu liberdade condicional. Era agosto de 1971, e temendo uma nova queda, já em setembro eu entrava no Uruguai.

— Jogado pelo mundo, um refugiado

Começa aí o seu terceiro exílio...

— Sim. E logo fui para o Chile, onde sozinho, desligado da esquerda fiquei trabalhando de artesão, ajudado pela Cruz Vermelha. Quando veio o golpe de Pinochet, em 73, é outra luta. Até novembro, fico dentro do prédio da ONU; daí vou para um refúgio da própria ONU onde fico até março de 74. Saio para Bucareste, na Romênia e lá permaneço até maio de 1975 ainda pela ONU. Passo em seguida por Lisboa e finalmente me instalo em Genebra na Suíça. Tudo isto, porque nenhum país queria me aceitar. É humilhante andar assim, jogado de um lugar para o outro como refugiado da ONU. Na Suíça, também não foi mole. Segundo os médicos, minha incapacidade para o trabalho era de 100%, em função das torturas e lesões que permaneceram da época aqui do Brasil. E assim, fiquei encostado no INPS deles.

— Como que você resolveu voltar?

— Quando no meio do ano comecei a perceber que as coisas aqui se alteravam, pedi logo um passaporte no consulado brasileiro. Depois de muito custo terminaram denunciando-me um título de nacionalidade válido por 48 horas. Os advogados da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, com quem vinha mantendo contato me disseram que eu não tinha nada pendente aqui na Justiça. Havia uma só condenação de 1970, mas que em recurso junto ao STM já fora cancelada. E assim eu embarquei.

— Aqui, o que você está achando da situação?

— Bem, ainda não deu para acabar de chegar. Mas já percebo que o negócio é mesmo a oposição travar sua luta dentro do MDB. Pelo menos por enquanto. E a luta fundamental do povo hoje é a questão da anistia, que tem que ser ampla e irrestrita para a pacificação da família brasileira. Planos pessoais ainda não tenho, mas o que gostaria é de voltar a trabalhar no campo. E de lá que eu sou e é para lá que eu devo voltar.

— E aqui, o que você está achando da situação?

— Bem, ainda não deu para acabar de chegar. Mas já percebo que o negócio é mesmo a oposição travar sua luta dentro do MDB. Pelo menos por enquanto. E a luta fundamental do povo hoje é a questão da anistia, que tem que ser ampla e irrestrita para a pacificação da família brasileira. Planos pessoais ainda não tenho, mas o que gostaria é de voltar a trabalhar no campo. E de lá que eu sou e é para lá que eu devo voltar.

— E aqui, o que você está achando da situação?

— Bem, ainda não deu para acabar de chegar. Mas já percebo que o negócio é mesmo a oposição travar sua luta dentro do MDB. Pelo menos por enquanto. E a luta fundamental do povo hoje é a questão da anistia, que tem que ser ampla e irrestrita para a pacificação da família brasileira. Planos pessoais ainda não tenho, mas o que gostaria é de voltar a trabalhar no campo. E de lá que eu sou e é para lá que eu devo voltar.

— E aqui, o que você está achando da situação?

— Bem, ainda não deu para acabar de chegar. Mas já percebo que o negócio é mesmo a oposição travar sua luta dentro do MDB. Pelo menos por enquanto. E a luta fundamental do povo hoje é a questão da anistia, que tem que ser ampla e irrestrita para a pacificação da família brasileira. Planos pessoais ainda não tenho, mas o que gostaria é de voltar a trabalhar no campo. E de lá que eu sou e é para lá que eu devo voltar.

— E aqui, o que você está achando da situação?

— Bem, ainda não deu para acabar de chegar. Mas já percebo que o negócio é mesmo a oposição travar sua luta dentro do MDB. Pelo menos por enquanto. E a luta fundamental do povo hoje é a questão da anistia, que tem que ser ampla e irrestrita para a pacificação da família brasileira. Planos pessoais ainda não tenho, mas o que gostaria é de voltar a trabalhar no campo. E de lá que eu sou e é para lá que eu devo voltar.

— E aqui, o que você está achando da situação?

— Bem, ainda não deu para acabar de chegar. Mas já percebo que o negócio é mesmo a oposição travar sua luta dentro do MDB. Pelo menos por enquanto. E a luta fundamental do povo hoje é a questão da anistia, que tem que ser ampla e irrestrita para a pacificação da família brasileira. Planos pessoais ainda não tenho, mas o que gostaria é de voltar a trabalhar no campo. E de lá que eu sou e é para lá que eu devo voltar.

— E aqui, o que você está achando da situação?

— Bem, ainda não deu para acabar de chegar. Mas já percebo que o negócio é mesmo a oposição travar sua luta dentro do MDB. Pelo menos por enquanto. E a luta fundamental do povo hoje é a questão da anistia, que tem que ser ampla e irrestrita para a pacificação da família brasileira. Planos pessoais ainda não tenho, mas o que gostaria é de voltar a trabalhar no campo. E de lá que eu sou e é para lá que eu devo voltar.

— E aqui, o que você está achando da situação?

— Bem, ainda não deu para acabar de chegar. Mas já percebo que o negócio é mesmo a oposição travar sua luta dentro do MDB. Pelo menos por enquanto. E a luta fundamental do povo hoje é a questão da anistia, que tem que ser ampla e irrestrita para a pacificação da família brasileira. Planos pessoais ainda não tenho, mas o que gostaria é de voltar a trabalhar no campo. E de lá que eu sou e é para lá que eu devo voltar.

# Salas de aula vazias

**A partir de segunda-feira quase dois milhões de alunos da rede oficial de ensino ficaram sem aulas no Rio de Janeiro. São 82 mil professores, de 3.300 escolas, em greve reivindicando melhores condições salariais e de trabalho. A decisão foi tomada no último domingo, durante a Assembléia Geral, que contou com a participação de cerca de 5000 professores e de inúmeras delegações de vários municípios fluminenses.**

## Da sucursal

Os professores das escolas municipais e estaduais de 1º e 2º graus do Rio de Janeiro entraram em greve a partir de segunda-feira por maiores salários e melhores condições de vida, conforme decisão tomada em assembleia geral realizada nomeno, em Niterói, na sede do Sindicato dos Operários Navais, com a presença de cerca de 5000 pessoas.

Cantando, «Pai, afasta de mim esse plano», com a música de «Calices», os professores manifestaram o repúdio da classe e ao plano de cargos e vencimentos do estado do Rio, esperado nestes cinco anos de fusão e parido no agapar das luzes do governo Faria Lima, que prometia bem mais.

O plano conseguiu surpreender os mais pessimistas. Aumentou a carga horária de 12 para 20 horas semanais de aulas e o aumento não foi além do índice oficial do governo (40%), representando, na prática, um aumento de apenas 15%. Isto considerando-se como oficial o boato de que dessas 20 horas 4 seriam para atividades extra-classe e 16 para atividades em classe.

O plano do Sr. Faria Lima tem outros problemas como o não enquadramento do pessoal técnico-pedagógico, os professores inativos, que estão ganhando em torno de um salário mínimo

## bancários

# Oposição assume a direção do sindicato

No último dia 12, o salão de reuniões do sindicato dos bancários de São Paulo foi palco de uma festa diferente. Mais de 40 entidades e um total de 600 pessoas se acotovelavam para assistir à posse da nova Diretoria do sindicato. Pela primeira vez, no sindicato mais importante da categoria, uma chapa de oposição conseguia vencer as eleições e tomar posse.

Após a posse dos novos membros da Diretoria, num ambiente de euforia geral, a palavra foi aberta aos interessados. Todos os oradores acabaram ressaltando a importância do momento e a necessidade de se continuar a luta, principalmente pela criação de comissões por banco. Outro ponto bastante ressaltado foi a necessidade de criação de uma frente de oposições sindicais como meio de se alcançar a Central Única dos Trabalhadores — CUT.

O programa apresentado pela nova diretoria foi muito elogiado pelos presentes já que ele procura vincular a luta pela liberdade democrática e pela Assembléia Nacional Constituinte à luta dos trabalhadores contra o arrocho salarial e contra o atrelamento dos sindicatos ao Estado.

A seguir uma entrevista com Antônio Augusto Campos, presidente da nova diretoria dos bancários, onde ele procura traçar os novos caminhos do sindicato.

Por Jesus Varela e Cândida Vieira

O que uma oposição sindical, representativa de uma categoria de 120 mil trabalhadores, pode realizar quando ganha as eleições e assume um sindicato atrelado à toda uma legislação corporativista e totalmente repressiva? Esse é um problema concreto que se coloca à nova diretoria do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Para seu presidente, Antônio Augusto Campos, o que deve acreditar não é na diretoria, mas sim no movimento de oposição da categoria, que pode ser amplamente estimulado e permitir um avanço.

«No combate ao pelegismo é fundamental uma democratização na vida interna do sindicato, com convocação de assembleias, discussões, etc., porque a derrubada da estrutura sindical não se dará com este ou com aquele sindicato de uma determinada categoria, mas de uma forma muito mais ampla, com todos os sindicatos. Então, uma oposição deve desde o início não cercear a entrada de não sindicalizados, não manter os ledes de chácaras que existem em muitos sindicatos convocar assembleias de acordo com estatutos, que geralmente os pelegos não cumprem».

Dentro dessa perspectiva de democratizar a vida interna do sindicato, Augusto Campos destaca ser fundamental assumir a entidade como um movimento amplo através de comissões de empresa e comissões abertas de encaminhamento, tais como: salarial, de sindicalização, cultural e outras — que permitam uma ampla participação — sem que tudo caia sob a responsabilidade da diretoria.

Uma das medidas visando a uma maior participação da categoria será a de estabelecer contatos com outros sindicatos. «Não vamos tentar somente um contato com as outras diretorias, queremos colocar os bancários de base em contato com as bases de outros sindicatos. Isso permite uma maior aproximação entre as diversas categorias». Outra proposta de mudança também deverá ocorrer com o jornal da entidade: Folha Bancária. Será proposto nas discussões que seja realmente um jornal aberto a todas as opiniões.

Outro ponto importante a ser levado é uma campanha de sindicalização constante. «A diretoria antiga durante muitos anos teve os votos de 5

thá alguns que ganham menos) e não atinge também os professores contratados pela CLT. E além disso, se os efetivos dão 20 horas de aula, muitos dos contratados perderão seus empregos, pois eles vivem das sobras de tempo dos efetivos.

As reivindicações principais dos professores são: a melhoria do plano e pela inclusão nele de todas essas categorias esquecidas; por um piso salarial conforme o nível, oscilando entre Cr\$ 8.986,00 e Cr\$ 13.480,00, sem aumento da carga horária; e o pagamento do adicional de edifício acesso aos professores que moram distante das escolas onde lecionam e não, simplesmente, a escolas determinadas previamente, independente de onde moram os professores.

## Um oi para Chagas Freitas

A assembleia dos professores contou com uma participação acima da esperada. Municípios pequenos e distantes mandaram representantes tirados em assembleias locais, com mensagens de apoio e predispondo-se a acatar as decisões a serem tiradas no domingo. Em quase todos os municípios do estado do Rio houve assembleias preliminares com participação variando entre 100 e 500 professores, sendo que em Niterói, Rio, Campos, Nova Iguaçu, Friburgo e outras grandes

cidades houve vigília permanente para contatos com profs. e esclarecimento da população.

As pressões, como sempre, também estiveram presentes em algumas cidades, onde diretores ameaçaram «entregar» o nome dos grevistas à Secretaria de Educação, cortar o ponto dos profs, ou chegaram mesmo a ameaçar com demissão os que engrossassem o movimento. Mas os profs. não se intimidaram e denunciaram essas pressões na assembleia de domingo, ressaltando que «unidos somos» mais fortes que as ameaças».

Em seguida ao relato dos representantes de municípios, falaram os representantes do Comitê Brasileiro de Anistia (CBA), da União dos Professores Primários Estaduais (UPPE), da Comissão Pró-UEE, do Sindicato dos Médicos e da Associação dos Profs. da PUC, solidarizando-se com os profs. de 1º e 2º graus. Depois, a Sociedade Esta-



dual dos Profs. (SEP) resumiu as reivindicações e partiu-se para as propostas concretas.

A primeira proposta era de greve de uma semana, sendo 3 dias de pressão contra o suspeito governo Faria Lima e 2 de advertência ao próximo (ou seja, Chagas Freitas). No dia 18, outra assembleia decidiria os novos rumos do movimento. Essa proposta foi ironizada por um dos oradores: representava «um tchau para Faria Lima e um oi para Chagas Freitas».

A segunda proposta, vencedora, foi de greve por tempo indeterminado, «até a vitória», com uma assembleia de avaliação também no dia 18. Houve ainda um pedido de um professor vereador de Niterói, com pretensões a «autêntico», de greve por 72 horas, como repúdio ao governo Faria Lima, terminando com um voto de confiança ao novo governador. A proposta foi vitoriosa e o proponente voltou atrás, apoiando a que defendia uma semana de greve, o que desagrado um diretor da SEP, que havia feito esta proposta e achou que o apoio do professor vereador fazia supor que sua proposta era tão ruim quanto à de greve de 72 horas.

## Memória Curta

Após muitos slogans como «5000 professores não advertem, lutam», faltavam falar 12 das pessoas já inscritas, mas o plenário se levantou e exigiu a votação imediata. A mesa se viu obrigada a acatar, dando inicio ao encaminhamento final das duas propostas que persistiram. O diretor da SEP, Prof. Godofredo Silva Pinto, ressaltou que o importante era a união da categoria, que qualquer que fosse a proposta vencedora, deveria ser levada em frente por todos. A proposta de greve por uma semana teve 20 votos e a de greve por tempo indeterminado ficou com os restantes. Os presentes gritaram eufóricos, separando bem as silabas: «in-de-ter-mi-na-do!»

A adesão à greve na rede estadual, composta de cerca de 51 mil professores; e na rede municipal, com aproximadamente 40 mil, foi quase total. Até mesmo nas cidades mais distantes e menores as aulas foram paralisadas. Inclusive a rede municipal de Niterói, que não havia participado da assembleia, aderiu, com reivindicações específicas. A greve atingiu os quase 2 milhões de estudantes de 1º e 2º grau do estado.

Durante a assembleia, foi lida uma carta do governador Faria Lima à SEP dizendo que não podia atender as reivindicações, mas que esperava que «no futuro» os professores com licenciatura curta ganhassem, no mínimo, Cr\$ 12.000,00 mensais e os com licenciaturas plenas Cr\$ 33.000,00.

Na noite de segunda-feira, o governador aparecia nos noticiários falando de atitude «injusta» dos professores e, num exercício de memória tendencioso, dizia que quando da fusão Guanabara/Estado do Rio os professores que ganhavam de Cr\$ 900,00 a Cr\$ 1.500,00 passavam agora a ganhar Cr\$ 9.000,00. Esqueceu-se, porém, de dizer que comparou a categoria que ganhava menos com a que ganha mais agora, e que, de lá para cá (afinal são 5 anos de fusão), a inflação foi alta.

O núcleo da SEP de Niterói respondeu ao governador dizendo que «injusto é o plano, injusto é o estado de penúria dos inativos» e repudiaram também uma insinuação do governador que, segundo o exemplo de outras autoridades em situações semelhantes, supunha a condução da assembleia dos professores ter sido levada a cabo por pessoas estranhas à classe. Segundo a SEP, o governador visava indispor a população contra os profs., subvertendo o sentido real da greve.

## fumageiros

# Saldos de uma greve

No quinto dia a greve dos fumageiros do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte foi suspensa sem que o aumento de 20% acima dos índices oficiais fosse obtido. Entretanto, os trabalhadores mineiros ainda estão aguardando o pronunciamento da justiça do trabalho.

No Rio Grande do Sul a greve continuava até quarta-feira.

## Por Juarez Guimarães e Airtom Ortiz

O movimento dos trabalhadores da Souza Cruz no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, durou cinco dias e o aumento de 20% acima dos índices oficiais não foi obtido. No Rio de Janeiro, a volta ao trabalho foi decidida em vista da decretação da ilegalidade da greve pela Justiça do Trabalho. Diante da volta dos trabalhadores cariocas e em face de um certo enfraquecimento do movimento local, os operários mineiros decidiram por 110 votos contra 87 voltar ao trabalho.

«A greve dos fumageiros foi uma boa experiência. Os trabalhadores demonstraram que estão com dificuldades financeiras e que a intransigência da Souza Cruz é que os levou a parar suas atividades. Foi uma prova de que os trabalhadores estão se conscientizando e romperam o desafio da multinacional Souza Cruz, que não acreditava na possibilidade da greve. Os trabalhadores voltaram ao trabalho com a cabeça erguida, como saíram. Por enquanto não houve vencido e nem vencedor. A volta ao trabalho antes do julgamento, foi um voto de confiança na Justiça do Trabalho e uma manifestação de maturidade da categoria». Estas são as conclusões de Nilton Borges, presidente do Sindicato dos Fumageiros de Belo Horizonte, sobre o movimento grevista.

Levantando outros aspectos importantes do movimento uma operária que marcou presença como liderança e que votou pela continuidade da greve avalia sua primeira experiência de greve.

«Os patrões não acreditavam na coragem dos fumageiros. Bom que tenhamos tomado consciência, e que a maioria partindo para o movimento grevista teve uma boa experiência e oportunidade de ver em cada colega a perseverança ou a covardia, pois se alguns se deixaram levar pelas pressões e ameaças por parte da empresa, a maioria manteve-se unida e procurou acreditar em si próprio lutando por um direito que é seu e esperando um bom êxito. Àqueles que se deixaram levar pelo cafetinho e copo de leite e pelas coações da empresa, nossas lástimas, pois foram a minoria. É certo que tivemos traidores pessoas que nos envergonharam, mas foram tão poucos que não fizeram falta. Durante estes cinco dias, a Cia. Souza Cruz de Belo Horizonte, sentiu o valor de seus operários, pois entre outros acidentes, um supervisor de seção, tentando substituir o operário grevista, teve seus dois braços quebrados».

«No dia 9, nós fizemos reunião e, alguns aceitando exemplo negativo (embora a maioria fosse contra) resolveram voltar ao trabalho. Agora estamos aguardando o julgamento, pois demos votos de confiança à Justiça, através da ação de alguns da diretoria do Sindicato e alguns fumageiros. Agora está nas mãos da Justiça e enquanto aguardamos, voltamos ao trabalho».

«Se a justiça corresponder à confiança que os fumageiros nela depositaram e através disto a Cia. ceder os benefícios que os fumageiros têm direito e não recebem, como é o caso das reivindicações e os 20% que foram pedidos pela classe, poderemos acreditar que



existe justiça para os trabalhadores. Caso contrário, voltaremos à greve e desta vez com força maior, pois já estamos recebendo apoio de vários lugares e várias pessoas que têm condições de ajudar os grevistas a mantê-los unidos.

Muitos acham que é perda de tempo confiar na justiça, pois a luta é contra uma empresa multinacional. Mas nós acreditamos e esperamos confiantes na vitória final a favor do trabalhador».

## Rio Grande do Sul

Em resposta à posição intransigente da Souza Cruz, 90 por cento dos funcionários da produção da fábrica de Porto Alegre continuaram em greve, apesar do Procurador Regional do Trabalho emitir parecer considerando-a ilegal.

A greve foi decidida numa Assembleia Geral, onde participaram 400 dos 600 funcionários da produção. Na terça-feira de madrugada, os trabalhadores cruzaram os braços e, segundo o presidente do Sindicato Manoel Rubi da Silva, «o objetivo era parar a produção e a manutenção, com o que o resto não teria mais o que fazer». A greve pegou os patrões desprevidos, pois como afirma um operário, «ninguém acreditava que pudéssemos entrar em greve». Apesar do pessoal que trabalha no escritório não ter aderido, isto não preocupa os líderes sindicais, uma vez que, como explica um deles, «parando a produção, o resto não interessa, pois serão obrigados a pararem também».

Numa reunião no Tribunal Regional do Trabalho, onde compareceram, além do juiz, o Sindicato e a Souza Cruz, não foi possível chegar a um acordo, pois a empresa alegou não ter condições para dar sequer um por cento de aumento. O argumento do diretor da firma não convenceu ninguém, pois conforme publicou EM TEMPO nº 52, o lucro líquido da multinacional no Brasil foi superior a 2,4 bilhões de cruzeiros no ano passado.

Durante a greve os trabalhadores permaneceram no sindicato, conversando sobre o acontecimento, confiantes numa solução favorável, principalmente as mulheres que formam grande parte dos funcionários.

Diante não entender de política, o presidente do Sindicato juntamente com os seus 11 diretores estão confiantes numa vitória, como afirma um deles. «Preparamos essa greve durante 6 meses e agora estamos tranquilos devido ao alto nível de conscientização dos companheiros».

A grande decepção dos fumageiros gaúchos é com São Paulo. Para eles, tudo seria mais fácil se os paulistas aderissem ao movimento. Mas antes, eles já sabiam que não poderiam contar com os companheiros da paulicéia, pois nunca conseguiram encontrar o presidente do Sindicato, nos contatos anteriores que mantiveram os líderes de todas as fábricas no País.

Também em Santa Cruz do Sul, onde existe uma outra fábrica do grupo, o movimento está por eclodir. Mesmo que a Justiça do Trabalho considere o movimento ilegal os trabalhadores afirmam que não voltarão ao trabalho enquanto as suas reivindicações, ao menos em parte, não forem atendidas.

Militares da linha dura atacam Golbery

# A novela da traição

O general Golbery do Couto e Silva, homem forte no esquema do governo Geisel e agora também no de Figueiredo é o alvo central de uma curiosa panfletagem feita nos meios militares durante o ano de 1975. Os documentos, cuja íntegra ainda está inédita aparece na imprensa pela primeira vez, acusando o chefe do Gabinete Civil da Presidência da República de envolvimento em corrupção e acobertamento da «subversão comunista», através da famosa jogada da «distensões políticas». Trata-se de uma novela em 8 capítulos intitulada «Novela da traição à Revolução de 1964», das quais foram extraídos quatro deles para publicação nesta edição. A importância destes textos reside na revelação da temperatura a que chegam os conflitos entre as frações das Forças Armadas, embora quase todas as denúncias neles contidas já tenham vindo a público recentemente.

Foto-simile do primeiro panfleto  
COMPANHEIROS!

Por um dever de consciência e para não sermos omissoes, não poderíamos deixar de revelar aos nossos companheiros, leais defensores dos Princípios Revolucionários de 1964, a traição a essa Revolução que está sendo tramada por um punhado de maus brasileiros.

Sob o grande título *Traição à Revolução de 1964*, editaremos um seriado de capítulos, cada um com um enfoque diferente a fim de que os companheiros possam avaliar acompanhar e reagir no momento oportuno.

## CAPÍTULO I

### Traição à Revolução de 1964

Decorridos quase 11 meses de Governo Geisel, já foi possível configurar que um grupo de maus brasileiros vem preconizando a famigerada «Abertura». Abertura de que e para que?

De 1964 para cá, jamais o Brasil teve necessidade de recorrer a Abertura alguma nem por isso deixou se desenvolver, nem é isso que o povo pede.

É de estarrer e quase inacreditável, mas temos seguro conhecimento de que Golbery, através de articulações feitas por Dirceu de Araújo Nogueira e seu chefe do Gabinete Edgar Bernardes, em reuniões com o advogado de João Goulart, estão tentando tumultuar a vida nacional com o lançamento de um manifesto propondo a criação de um novo partido político a «União Trabalhista Brasileira» (O novo PTB), apoiado pelos comunistas e corruptos, visando finalmente a anistia do Jango, Juscelino, Jânio Quadros e de outros cassados, no mais curto prazo. Estamos assim diante de um novo e aterro «retorno» realizado em pequenas doses.

É inadmissível e injustificável a política de aproximação com os Países comunistas. Vejamos:

a) Reatamos as relações com a China comunista. E o que lucramos com isso? Respondam Golbery e Silveirinha seus leais servidores.

b) Vergonhosamente o Brasil se eriu voltando embranco sobre o reatamento com Cuba. E o que dirão os nossos mortos no combate aos bandidos de Fidel Castro?

c) O Congresso, a C.N.B.B. e a imprensa insistem em que seja aberta uma C.P.I. para a localização de elementos subversivos desaparecidos. Já querem fazer inquéritos em nossos bravos Órgãos de Segurança, sentinelas indomáveis da Pátria e por isso mesmo alvo do ócio comunista e do seu aliado Golbery.

d) Pessoas com a vida pregressa seriamente comprometida por atividades comunistas, ou contrários à Revolução de 1964, ou por corrupção e com parecer contrário dos Órgãos de Informações são nomeadas para altos cargos do Governo. Exemplo:

• Petrólio Portela (Senador e presidente da Parte da Revolução);

• Maurício Rangel Reis (Ministro do Interior e corruptor);

• Professor Kerr (Diretor de Pesquisas da Amazônia e comunista ativista em São Paulo);

• Manuel Diegues Júnior (Diretor do Departamento Cultural do Ministério da Educação e Cultura e comunista da esquerda festiva);

• Célio Borja (Presidente da Câmara dos Deputados e esquerdistas com aval de Golbery).

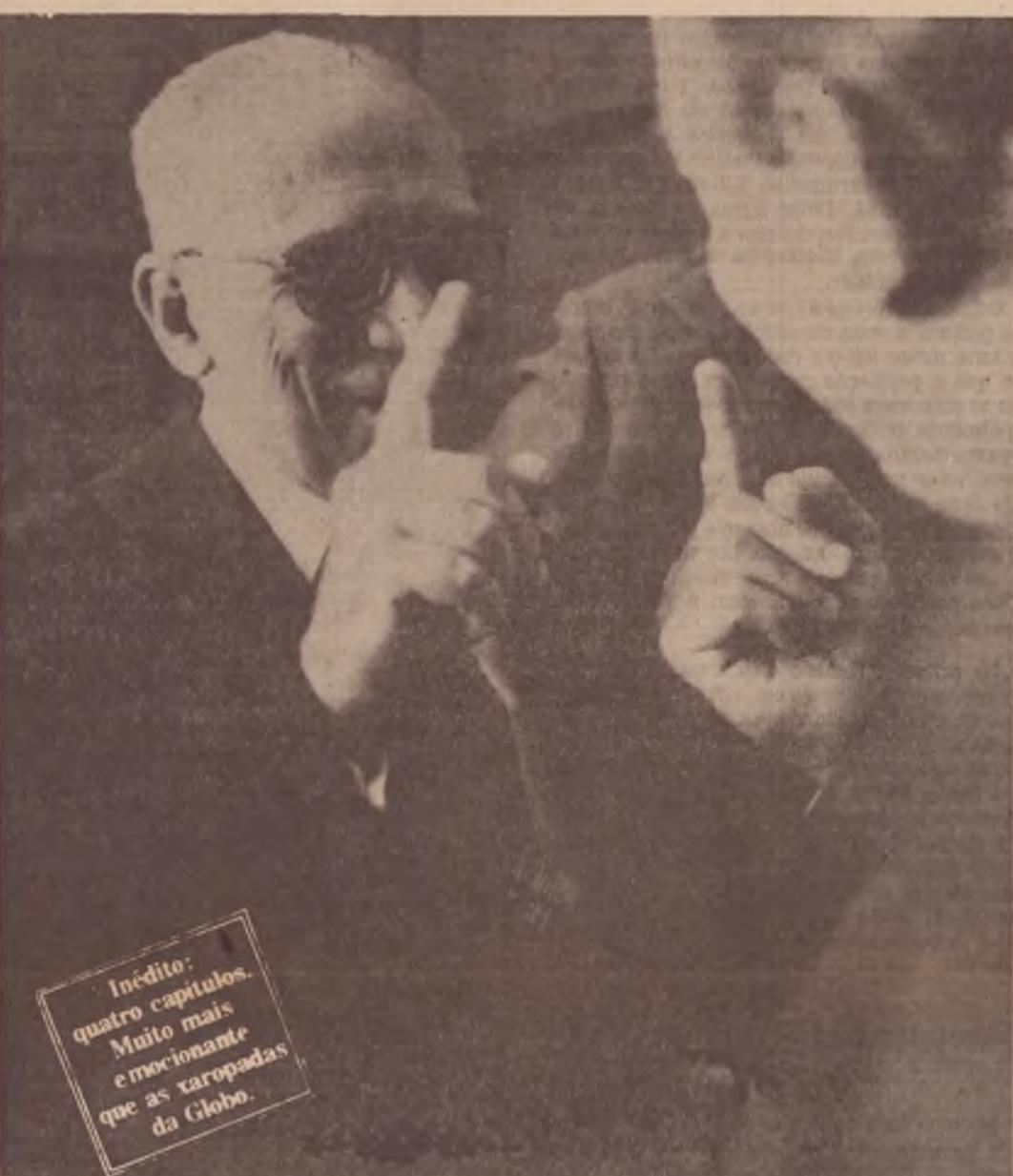
Companheiros da Revolução de 1964 — traída e aviltada por Golbery.

Golbery do Couto e Silva gen. R/1 que após ter colaborado para a vitória da Revolução foi o 1º Chefe do SNI, na sua ganância desenfreada, tornou-se, em 1967, ministro do Tribunal de Contas da União, cargo em que se aposentou após 2 anos de exercício da função, contando para isso com o tempo que serviu ao Exército e pelo qual já estava em pleno gozo do ócio (sem dignidade).

Não satisfez com essa violenta bandalheira, Golbery arrendou-se aos trustes americanos, tornando-se presidente para a América do Sul da Dow Chemical Corporation, recebendo em paga \$30 mil (dinheiros?) \$US mensais. (Isto equivale a quase Cr\$ 215.000,00).

Sem nenhum escrúpulo, este homem ao ver surgir o 4º Governo da Revolução, insinuou-se de tal modo que conseguiu ser o organizador do novo Governo e Chefe do Gabinete Civil. Esta assim nossa Revolução com seus dias contados. Golbery testa de ferro dos grupos econômicos estrangeiros, senhor absoluto do novo Governo manipula todas as forças de modo a colocar em tudo os setores, amigos cupinchas antirevolucionários, todos empenhados desde os primeiros dias do Governo Geisel em desfazer a Revolução de março de 1964. Começaram por escolher muitos indiferentes, outros corruptos e outros antirevolucionários. Daí para o início da obra de traição não houve perda de tempo. Os atos de traição se desencadearam numa sequência cronológica constante, tendo como pano de fundo a «abertura» ou «distensões».

Trataram logo de afastar as forças militares do combate à subversão e à corrupção. Isto feito, os comunistas e corruptos passaram a mandar de novo neste país.



intimidará na defesa dos princípios da Revolução, e que de nada adiantarão seus criminosos expedientes, pois nossas mensagens portadoras de fé, de repúdio e reação dos verdadeiros revolucionários contra a traição dirigida pela Casa Civil do Planalto, continuarão a chegar, de qualquer forma, as mãos de nossos Companheiros!

Estamos assistindo neste país uma sordida e impatriótica campanha dita de «distensões», que nada mais é que uma componente da chamada «coexistência pacífica», ou «dilettante», orquestrada pelo Movimento Comunista Internacional e inspirada pelo famigerado XX Congresso do PC da URSS.

Companheiros, é preciso meditar sobre o perigo que realmente atravessamos. Esta «distensão» foi arquitetada e vem sendo regulada pelo seu real beneficiário, o clandestino Partido Comunista Brasileiro. Para comprovar esta afirmação, basta observar a atual conjuntura do país onde podem ser vistos atuando impunemente, inúmeros parlamentares eleitos pelo PCB; inumeros militantes comunistas e simpatizantes, ocupando cargos de confiança, tanto na administração municipal, quanto na estadual e até na federal. Os veículos de comunicação social (imprensa escrita, falada e televisada), totalmente dominados por comunistas, desencadeiam livremente, intensa propaganda vermelha sobre nossa indefesa população, numa Guerra Psicológica que visa sua doutrinação marxista-leninista. Infelizmente não se pode apontar medida alguma do Governo visando deter esta escalada bolchevista. Por que tanta traição se o Movimento de Março de 1964 foi desencadeado exatamente para impedir a comunização do Brasil? E aqui cabe perguntar o que merecem os responsáveis por essa trama sinistra?

## CAPÍTULO VI

Voltamos hoje à presença dos companheiros para enfocar casos de maior gravidade, que vêm se desenvolvendo paralelamente com a avultante dossiê (traição vermelha), que desmoraliza e enxovalha o atual Governo.

• Todos sabem que a Dow Chemical desenvolve projetos no setor petroquímico brasileiro e pretende ampliar suas instalações, particularmente na Bahia, no montante de 500 milhões de dólares, assegurando assim, com fatores oficiais, o seu predomínio em alguns produtos básicos da nossa indústria petroquímica. Eis que o Gregório Branco Golbery — mestre em intrigas palacianas — forjou para os seus patrões da Wall Street: a existência de uma conspiração de direita que estaria sendo montada pelo ministro Armando Falcão com o apoio do ministro do Exército, o bravo e honrado gen. Frota. Em face disto, o laicado Golbery aconselhou aos seus patrões suspenderem o investimento, aguardando o fracasso do projeto golpe que, com certeza, acontecerá «pois ele conta com o apoio dos comunistas para conseguir frustrá-lo». Companheiros, fica evidenciada, mais uma vez, a baixezas de caráter desse aventureiro que, com maior cinismo, calunia seus pares de ministério visando atingir fins escusos! Além do mais, comprova-se assim que Golbery exercendo a gerência dos interesses da Dow Chemical na América do Sul, como presidente licenciado, faz jus aos 15 mil dólares que ininterruptamente recebe a título de pró-labore, cumulativamente com os proveitos de ministro chefe da Casa Civil e de ministro do Tribunal de Contas! Do dinheiro do americano, parte-lhe é entregue no País através de um seu testa-de-ferro que, aqui em São Paulo. Sr. Rachid e o respetante depositado na Suíça!

• E imperioso denunciar também a quadrilha que se apossou do Ministério da Agricultura, chefiada pelo estonteado Paulinelli, moleque de recado do «groupier» Juscelino e incapaz de distinguir um pé de alfage de um jequitibá, mas perito em rapinagem e toda sorte de corrupção, juntamente com seus cupinchas, o incapaz e desonesto Lourenço Vieira da Silva (INCRA), José Irineu Cabral (EMBRAPA) e com outros que serão apontados oportunamente.

• Estamos também, dia a dia, nos atualizando com referência à atuação nefasta do sr. Ney Amâncio de Barros Braga (bonitinho mas ordinário).

• O projeto de renovação do Dec. Lei nº 477, mesmo saindo de uma de suas gavetas, não receberá aprovação dos que desejam a ordem nas universidades.

• Os compromissos de Ney com os comunistas da área cultural não serão cumpridos, pois estamos alertas para denunciá-los ao público e aos verdadeiros patriotas.

• As nomeações de elementos comprometidos com a subversão e a corrupção, para os altos cargos das áreas cultural e educacional estão sendo anotadas para futuras denúncias.

• A atual agitação no meio estudantil, particularmente aqui em São Paulo, está, apoiada pela maioria influente «troika» — Golbery-Ney-Egidyo.

• E estarei agradecida a incapacidade administrativa do atual ministro dos Transportes. Inteiramente senil e maniaco por ferrovias. Acaba de suspender toda a execução do Plano Rodoviário Nacional! É incrível a que ponto chegamos e que não se veja medida corretiva! Ora, escolheram um macrônio que pode entender muito de peligro, mas de transporte... só o de bonde de burro! E assim, vai-se levando o Brasil para o caos!... Companheiros! So há uma forma de darmos um basta a tudo isso!

LUTANDO!

Fili-se a um Grupo de Resistência!

## CAPÍTULO II

Em continuação da campanha esclarecedora para revelar aos verdadeiros revolucionários as traições maquinadas por Golbery e seus assessores, bem como a corrupção e a incapacidade dos dirigentes colocados por ele nos vários escalões do atual Governo, aqui estamos mais uma vez para cumprir este patriótico dever, esperando que o Companheiro divulgue os fatos que vamos apontar.

• Você sabia, prezado revolucionário, que Golbery continua sendo o principal agente de favorecimento da campanha movida pelos comunistas e seus aliados (MDB — CNBB; etc.) contra o regime instaurado pela Revolução de 64?

• que através do seu capacho Célio Borja foi entregue a Presidência da importante Comissão de Minas e Energia da Câmara ao traidor da Pátria e lacaião do imperialismo vermelho Lysâneas Maciel, em troca de uma CPI de direitos humanos?

• que para poder colocar alguns «cupinchas» no órgão comunista «Opinião», Golbery proporcionou uma ajuda financeira ao Grupo Industrial, quase falido, do burguês vermelho Fernando Gasparian, proprietário daquele pasquim moscovita?

• que em paga pelo favorecimento da instalação de uma empresa da Dow Chemical no Centro Industrial de Arat (Bahia), Golbery nomeou o palerma claraturio Elmo Serejo Faria «Governador de Brasília»?

• que Golbery vem manobrando com todo seu maquiavelismo, auxiliado por sua numerosa «gang» espalhada em postos chaves do governo e com ajuda dos comunistas para realizar no Brasil o que foi feito em Portugal? Esta é a tal Abertura... para eles e para nós, o fim da Revolução!

• que para atingir seus objetivos, Golbery escolheu um Ministério em sua maioria composta de incapazes, corruptos e anti-revolucionários, do que resultou a derrota do Governo nas eleições de novembro, granejando, assim, a simpatia e confiança dos inimigos da Revolução e do Brasil?

• Você sabia, Companheiros que em decorrência da atuação nefasta, anti-patriótica e traiçoeira de Golbery, já se considera irreversível a total

## CAPÍTULO V

Antes de abordarmos o principal assunto desta mensagem, queremos registrar que parte da remessa da edição do Capítulo III foi apreendida ilegalmente nos correios por agentes de Golbery, ficando assim evidenciado mais um crime praticado pelo «Gregório branco da Revolução», pois bem sabemos ser a correspondência pessoal inviolável. No caso, tratava-se de correspondência particular dirigida a generais, almirantes, brigadeiros e outros oficiais das Forças Armadas, a quem Golbery «et cetera» resolveram negar esse direito.

Queremos ver se tem coragem de negar mais esse crime?

Aqui queremos reafirmar a esse esbirro de «Dow Golbery Chemical And Co.», que nada nos

agachar para os agentes de Pequim e Moscou, em vergonhoso frenesi, entregue-se à camarilha de Cunhal e Vasco Gonçalves. Para isso coage os patriotas anti-comunistas de colônias portuguesas, prohibindo qualquer manifestação contrária à comunização de Portugal, enquanto favorece e apóia a atuação nefasta dos comunistas portugueses, que vêm ostensivamente ao Brasil pregar o marxismo-leninismo, até mesmo pela TV!

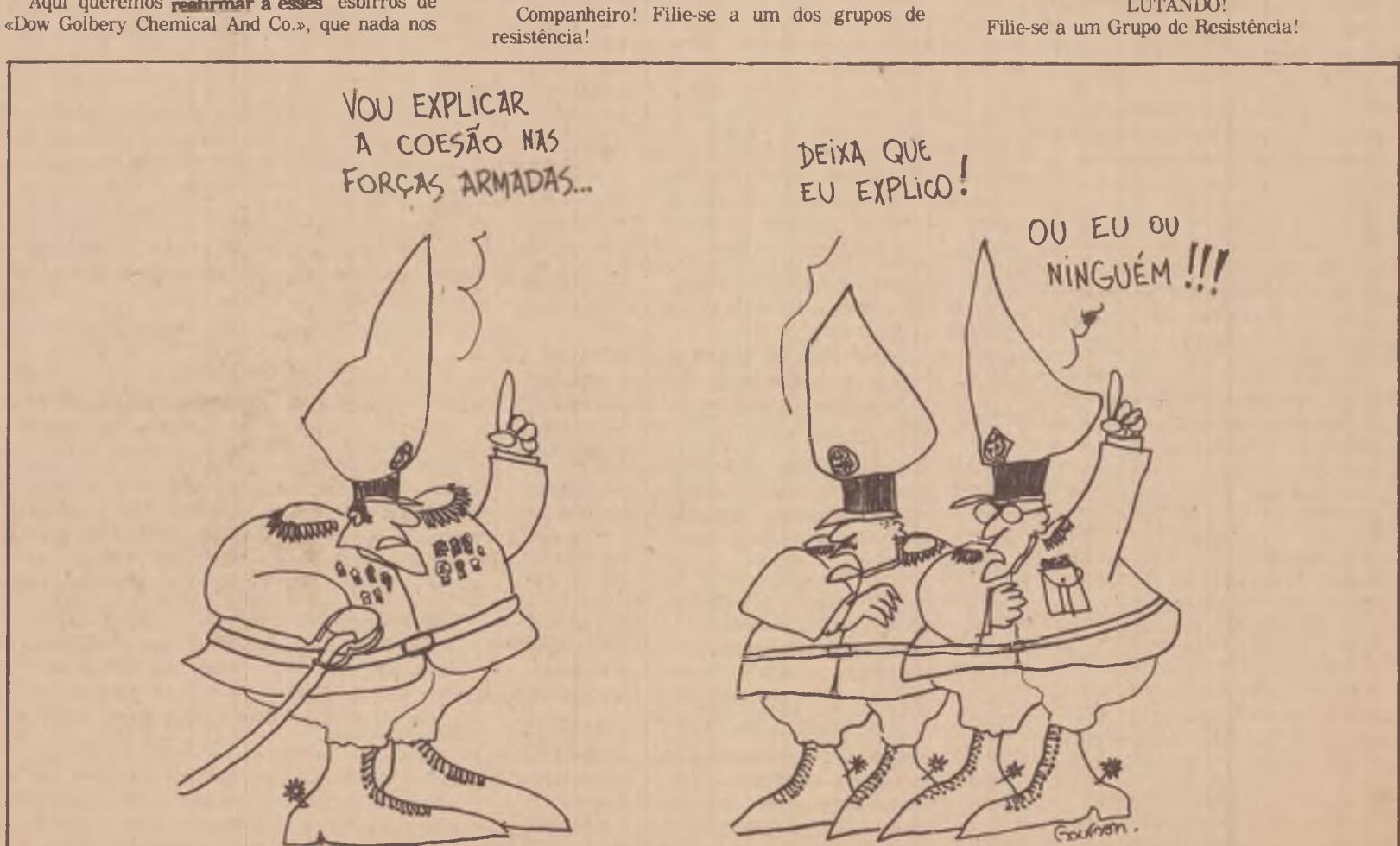
Mas fiquem certos todos esse traidores que em breve daremos um basta a tanta vilania e traição. Muitas cabeças rolarão!

Companheiro! Filie-se a um dos grupos de resistência!

VOU EXPLICAR  
A COESÃO NAS  
FORÇAS ARMADAS...

DEIXA QUE  
EU EXPLICO!

OU EU OU  
NINGUÉM !!!



# Venezuela

No último dia 12, um novo presidente assumiu o mandato na Venezuela prometendo um governo de austeridade. No discurso de posse, que o ex-presidente Carlos Andrés Pérez, quebrando o protocolo, não ficou para ouvir Luis Herrera Campins denunciou «a corrupção administrativa e o corrosivo hedonismo capitalista» da gestão anterior, prometendo «tirar o país da atual crise moral». O que pode mudar de fato no país, é o que esse artigo procura responder.

# Novo Governo, velhos problemas.

Por Vilma Amaro

— Que coisa é uma companhia de petróleo? — pergunta um dos personagens de «Poço nº 1», romance de Miguel Otero Silva. um dos mais brilhantes intelectuais venezuelanos. E o autor responde: — É um sujeito calvo, de camisa com palmeiras estampadas que passa os invernos em Miami em um hotel com praia particular; uma senhora gorda e emplumada que tem um belo apartamento em Nova Iorque na Quinta Avenida; um velhinho que percorreu o mundo inteiro em cadeira de rodas, empurrado por todos os seus herdeiros. Esses são a companhia, e todos os mesmos compram um cavalo de corrida ou um quadro de um pintor francês, e o resto depositam no Chase National Bank».

Desde 1914, quando foi descoberto o pôco Zumaque Um num povoado de casinhas de palha, pela então Caribbean Petroleum Company (depois Shell) até 1976, o ano da reversão das concessões petrolíferas ao Estado, as companhias de petróleo da Venezuela tiveram sempre elevadas taxas de lucro nunca inferiores a 30 por cento, embora declarassem oficialmente a margem de apenas 15 por cento. E do inicio da década de 60 até a data de reversão, a Venezuela assistia a evasão anual de 60 por cento de suas divisas.

A transformação da Venezuela de país agrícola para um país abastecedor de petróleo dos países industrializados criou uma violenta estrutura de dependência, que a simples reversão das concessões, não pode alterar. A Venezuela está intimamente ligada ao comércio internacional do petróleo, uma vez que o mercado interno consome apenas 4% do total produzido. Em consequência, depende das flutuações do mercado externo, regulado não pela OPEP, mas também pelo conhecido cartel das sete irmãs (Standard de New Jersey e da Califórnia, Royal Dutch, Gulf Oil, Texas Oil, Socony Mobil e British Petroleum).

A Ação Democrática que governou o país nos últimos cinco anos pretendeu criar uma infraestrutura industrial com as rendas de 13 bilhões de dólares anuais. Mas suas possíveis boas intenções sempre estiveram limitadas pelo restrito mercado interno, onde 70 por cento da população é marginalizada.

Qual foi a contribuição de petróleo à Venezuela nesses 65 anos de exploração comercial? Em primeiro lugar, é preciso lembrar que uma boa parte das divisas que permanecem no país são utilizadas para comprar automóveis, toca-discos, geladeiras, roupas e alimentos. Com razão se diz que a Venezuela importa desde o mais luxuoso automóvel até folhas de alfalfa e ovos. A população não encontra emprego em atividades produtivas e a atividade agropecuária encontra-se bastante atrasada, depois do fracasso de algumas tentativas de Reforma Agrária.

Além disso, o fato de que 96 por cento das exportações do país sejam constituídas por hidrocarburos e mineral de ferro gera uma terrível debilidade e instabilidade na relação de intercâmbio. A Venezuela é totalmente dependente dos Estados Unidos, país que compra 40 por cento de sua produção de petróleo e de onde a Venezuela importa 60 por cento de seus produtos. A indústria venezuelana também é extremamente débil, constituída em sua maior parte por montadores («ensambladoras») e só recentemente começaram a ser impulsionadas um polo petroquímico e siderúrgico.



São em grande parte palavras ocas, que não escondem o objetivo fundamental da democracia cristã, que é o de perpetuar a atual ordem econômica, sob um disfarce humanístico, para ganhar uma vasta massa de manobra entre a classe média (já vimos isso no Chile).

## Um Oásis na América

Quem, no auge do período repressivo no Brasil, passou pela Venezuela, pensou, certamente, ter caído em outro planeta. Nas páginas de coluna social de El Universal, de Caracas (espécie de Estadão local), entre brindes a perfumados espécimes da burguesia e efusivas confraternizações, podia-se ver o dirigente do Partido Comunista Venezuelano, Gilberto Machado ou um ex-líder guerrilheiro do MIR. Não há dúvida que se respirava um certo ar de liberdade, enquanto na página seguinte do mesmo jornal podia-se ler notícias sobre a greve de fome dos presos políticos venezuelanos.

Em geral, a atuação das esquerdas frente ao governo social-democrata de Carlos Andrés Pérez foi mais de apoio crítico, que de oposição elogiando as medidas de caráter popular e criticando o processo inflacionário e o modelo de desenvolvimento. Essa foi a linha adotada, com maior ou menor radicalismo pelo PCV, o MIR (mais radical), o MEP (Movimento Eleitoral do Povo, de centro-esquerda) e o MAS.

Mas já em relação ao COPEI, a atuação desses grupos deve ser um pouco diferente, uma vez que o Partido faz questão de se declarar ferrenhamente anticomunista. Quanto às guerrilhas, representadas principalmente pelo Bandera Roja e Punto Cero, não chegaram a atrapalhar o governo de Andrés Pérez, com suas ações, mas prometeram incrementar suas atividades no período de Luis Herrera Campins.

Apesar de seus propósitos de «governar para os pobres», Campins não deve esperar muito apoio dos trabalhadores, controlados pela social-democracia e, em pequena parte pelos comunistas (estes chegaram a se constituir numa grande força sindical no início de sua formação, em 1935 e depois da queda do ditador Pérez Giménez, em 1958). Mas, derrotados durante o governo de Romulo Bittencourt, nunca mais recuperaram sua força e a Ação Democrática controla a maior parte dos sindicatos e federações do país).

Nesse espaço político, o MAS - Movimento ao Socialismo — a

mais sólida organização de esquerda da Venezuela, vem tentando fazer adeptos, principalmente junto aos trabalhadores. Mas, seu crescimento tem sido lento. O MAS chegou a ser temido no inicio do governo de Carlos Andrés Pérez, com uma possível ameaça nas eleições de 1978. No entanto, sua votação foi mínima. A organização integrada por ex-guerrilheiros beneficiados por uma anistia no governo social-cristão de Rafael Caldera e intelectuais de classe médica tem muito prestígio junto à opinião pública, pela capacidade e honestidade de seus líderes: Teodoro Petkoff, Pompeyo Marquez, Fernando Travieso, José Vicente Rangel (ex-candidato presidencial). Mas a estratégia escolhida (luta parlamentar) a coloca na linha de um socialismo evolutivo, já tentado pela Unidade Popular, no Chile e cuja resultado foi um banho de sangue pelas forças do imperialismo.

Quanto às forças de direita são representadas principalmente pelo organismo dos empresários, a FEDECAMERAS, que não perdeu a oportunidade de lembrar aos sociais democratas que a única democracia possível é a da livre iniciativa. A entidade tem no geral posições bastante conservadoras, mesmo em relação ao capitalismo moderno preconizado pelos social-democratas.

Em relação ao COPEI, FEDECAMERAS deve permanecer de sobreaviso. Apesar deste Partido ter um certo verniz mais conservador que a Ação Democrática, Luis Herrera é considerado um dos quadros mais avançados do social-cristianismo. De qualquer forma não se deve esperar nenhuma medida mais audaciosa e os próprios Estados Unidos disseram não prever nenhuma mudança de atitude.

O povo venezuelano, no entanto, está ávido por transformações que arranquem o país do seu imobilismo social, com quase nove milhões de marginalizados. Carlos Andrés Pérez ao assumir o governo há cinco anos disse que a democracia liberal está jogando sua última cartada na Venezuela. O povo deu mais um voto de confiança ao COPEI. Quanto tempo mais o José Ramón, ou qualquer um dos pobres habitantes de Cerro Marin, El Manguito, Los Aguacaticos ou La Seiba vão esperar para que seus filhos não sejam comidos pelos ratos ou convivam com galinhas, porcos e imundices e morram de desnutrição, enquanto uma parcela de privilegiado vai gastar seus petrodólares nos cassinos das Antilhas?

# Irã



## Novo Governo, novos problemas.

O poder político no Irã mudou de mãos. O primeiro-ministro Chah Bakhtiar, designado pelo Xá para sucedê-lo foi obrigado a deixar o lugar aos «Khomeinistas». Essa mudança política indica que o movimento de massa no Irã conseguiu dar um passo importante no caminho da revolução social e da satisfação dos interesses da classe operária e camponesa. No entanto, para que essa revolução se complete, trata-se agora, de que os operários e camponeses não se limitem ao quadro que a equipe de Khomeini quer lhes impõe.

### Por Cécile Lorient

Inicialmente, o projeto da oposição liberal (da Frente Nacional e da hierarquia chita em particular) se limitava às reivindicações anti-feudais, anti-imperialistas e democráticas que resultavam simplesmente na exigência da liberalização do regime iraniano e na derrubada da ditadura. Como o declarava um dos dirigentes da Frente Nacional, Sandjabi (1) em novembro último: nosso sistema é legal, é o sistema monárquico constitucional (...) e o Xá, enquanto personalidade responsável deve reinar e não governar.

A entrada em cena da classe operária (com reivindicações claramente anti-capitalistas e suas próprias formas de luta...) iria colocar em questão esse projeto a ponto de que a Frente Nacional se viu obrigada a desautorizar um de seus principais dirigentes, Bakhtiar, que precipitadamente vislumbrava a concretização d seu projeto ao aceitar as tarefas de primeiro ministro proposto pelo Xá.

E incontestável que no processo de derrubada da ditadura a classe operária e as massas populares ultrapassaram em muito o quadro da luta fixado inicialmente pela oposição liberal. Longe de combater apenas a ditadura e a «personalidade não respeitável do Xá» ela entrou em greve para se opor à política dos patrões e reivindicar o aumento dos salários, o respeito às leis trabalhistas, a garantia das licenças etc. Iniciadas no 5 de setembro, duas semanas após o massacre de Jaleh, no setor público e semi-público (administração e bancos), as greves atingiram o setor nacionalizado (petróleo e siderúrgica) para se estender a todo o setor industrial em meados de outubro.

A satisfação das reivindicações econômicas dos trabalhadores pelo governo e pelos patrões (de 20 a 50% de aumento de salários no setor público e nacionalizado) antes de frear o movimento o encorajou ainda mais.

Com efeito, desde as primeiras semanas de outubro, as reivindicações propriamente políticas vieram juntar-se às reivindicações econômicas: dissolução dos sindicatos amarelos controlados pela Savak (polícia política) e direito de constituir sindicatos independentes, libertação dos presos políticos e volta dos exilados, revogação da lei marcial, liberdade de expressão e de organização, etc.

Paralelamente a tais reivindicações, os trabalhadores se auto-organizaram. Órgãos de democracia direta foram criados um pouco em cada parte: na cidade de Amol surgiram estruturas de auto-administração que permitiram aos trabalhadores controlar a cidade; os grevistas de Abadan funcionaram em assembleias gerais, elegeram um comitê de greve cujos representantes constituiram um embrião de sindicato independente; no centro industrial de Alborz, um comitê

central de greve, agrupando diferentes fábricas foi eleito. Tais formas de luta impregnaram também o combate dos trabalhadores do setor siderúrgico, notadamente em Isfahan.

Em Amol e Sanadaj, embriões de milícias populares se constituíram. Os trabalhadores do petróleo, especialmente em Abwaz fazem a experiência do controle operário da produção de petróleo, quando esta é retornada parcialmente para satisfazer as necessidades civis interiores.

No entanto, desde o princípio, havia uma clara contradição entre a disposição de luta das massas populares e a direção efetiva do movimento revolucionário iraniano. A hegemonia política estava incontestavelmente com a oposição liberal religiosa (Ver EM TEMPO n° 53). E o novo poder político não apenas investirá contra esses gérmenes de poder anti-capitalistas desenvolvidos espontaneamente pelos trabalhadores (os comitês de greve, as milícias populares, os sindicatos independentes...) como logo se mostrará incapaz de realizar até mesmo as medidas democráticas e anti-imperialistas que ele próprio desencadeara em sua luta contra a ditadura dos Pahlevi.

Diante das greves, Khomeini tentou em primeira instância assumir seu controle através do «Comitê pela Coordenação das greves», sob a direção do atual primeiro ministro, Bazargan. E no momento em que os trabalhadores se recusaram a seguir as orientações desse comitê, isto é, por um fim às greves, os «Khomeinistas» se comportaram como todos os furadores de greve do mundo. Ficava claro que se a equipe de Khomeini fosse conceder ao povo iraniano todas as liberdades democráticas que ela própria pretendia reclamar, ela colocaria em risco sua própria existência. Tais liberdades evidentemente iriam permitir uma vida política e sindical que no seu desenvolvimento só poderia novamente vir a questionar o regime burguês de produção.

Também do imperialismo, o novo poder político iraniano é incapaz de elevar a termo suas exigências. A integração da economia iraniana no mercado mundial é tal, a margem de manobra de sua burguesia nacional é tão íntima, que uma política anti-imperialista é praticamente impossível. Os laços com o imperialismo assumirão, no máximo, outras formas.

Assim, para o povo iraniano, que efetivamente derrubou a ditadura no Irã, a luta prossegue. Ele permitiu que a oposição liberal assumisse o poder em nome das tarefas democráticas e anti-imperialistas que tem para serem realizadas. No entanto, ficará cada vez mais claro, que não é a equipe de Khomeini que poderá realizar-las.

(1) O Ministro das Relações Exteriores de Bazargan

**LANÇAMENTO**

No Clube de Imprensa de Brasília, setor esportivo norte, dois grandes lançamentos. Dia 15, quinta-feira, lançamento do livro «CARTA SOBRE A ANISTIA», de Fernando Gabeira. Dia 16, sexta-feira, será lançado o livro «E POR QUE NÃO EU?», de Alberto Dines. No dia seguinte, dia 17, será lançado o livro «CARTA SOBRE A ANISTIA», de Fernando Gabeira. Esses eventos fazem parte da Feira da Possibilidade Cultural.

# Cuba é a maior?



Senhor Editor.

## Pré-história do comunismo

Acho que no mundo capitalista em que vivemos o tempo tem um valor, por isso é que sempre está faltando tempo (dinheiro), e na meu caso pessoal o tempo (dinheiro) está faltando demais. Esta é apenas uma introdução (justificativa) a uma pequena resposta aos correspondentes que também foram à Cuba, publicado no *Em Tempo* de 21 e 22 de dezembro passado.

Antes que mais, quero chamar a atenção para o sobre da nota dada (20 ou 25 páginas) em relação à minha (8). Encarece: se eu tivesse que escrever de novo o mesmo artigo (8 páginas) novamente enceraria a mesma coisa e acrescentaria: Cuba é a maior, é a maior, é a maior. Uma coisa é certa: em 8 páginas há menos possibilidades de escrever bobagens que em 25, e os amigos viajantes me fariam escrever muito mais de 50 páginas pra desfazer a confusão que elas tem na cabeça.

Eu, à distância, penso (quero pensar) que os viajantes foram levados pelo radicais de sua, econtração mais radical para compreender seriamente aquele processo revolucionário ao antigo ferro de criticar os chamaos bloco socialista com as mesmas armas da reação.

Agora bem: revendo a minha nota (Alíha que eu vi) do *Em Tempo* número 29, se percebe que em nenhum momento defini a Cuba como uma sociedade socialista ou coisa parecida (as notas sobre teatro e Ações Políticas não foram mudadas). Ela é a maneira de edificar uma nova sociedade e «Estado popular» são todas as referências que eu joga para «definir» a sociedade cubana. Se eu tivesse 25 páginas, poderia tê-la definido como uma sociedade em transição ao socialismo, que é a definição que utiliza Mendel, a I<sup>a</sup> Internacional e Trotsky na sua «Resolução Trótskiana», e que também é usada pelo ex-presidente dissidente Radolf Balkow (atualmente preso na República Democrática Alemã).

A minha intenção primeira, entretanto, se centrou em que, frente ao vazio de informação sobre Cuba que a censura militar impôs ao país, seria mais necessário e enriquecedor que os leitores de *Em Tempo* tivessem oportunidade de conhecer alguns dados mais (comprováveis científica e materialmente) que mostravam o incrível desenvolvimento que tem a ilha.

## Passemos a alguns pontos da nota dos viajantes

Que ponto de vista «sério» leva a considerar as correntes (próprias do subdesenvolvimento) de Cuba com «austeridade do Partido» e a falta de informação no *Grenada* com a falta de informação das cubanas? Para citar um exemplo: tem a oportunidade de conversar com o portero do Teatro Karl Marx sobre a situação da Venezuela: e do Uruguai! e elas tinha informações muito precisas, com dados e nomes e a significação dos mesmos.

Que ponto de vista «sério» pode achar que o «embrião ferro das reais de comunicação por parte do Partido Comunista Cubano-PCC» é negativo? Vejam o resultado do papel desempenhado pelo *El Mercurio*, por exemplo, no tempo do Aliado da Unidade Popular. É preciso ver que fins persegue esse controle, ou seja, se ajuda ao progresso da Humanidade ou ao seu retrocesso. Trotsky dizia que não é a mesma coisa matar gente na defesa da

As interpretações sobre a sociedade socialista cubana são bastante controvérsias.

Aqui Manoel Bippi, autor do artigo

«Eu fui ao festival de Cuba», EM TEMPO nº 29, procura rebater as interpretações de Aranha Spalding, S. Silva e B. Flores, contidas no artigo «Nós também fomos a Cuba», publicado pelo EM TEMPO nº 43.

Segundo Bippi, devemos criticar a revolução cubana sem cairmos no campo da reação e considerarmos Cuba como uma «sociedade em transição ao socialismo».

Revolução que matar gente na defesa da burguesia).

Que ponto de vista «sério» pode achar que o que resta do espírito (?) (algo totalmente subjetivo) revolucionário no povo, Partido e Fidel é o que não permite que Cuba se burocratize tanto para o dia, mas que isso, nunca sente que um filho de pobre

ros e os escoteiros. Eu nunca vi um escoteiro que soubesse o que é o imperialismo, nem que saiba armar e desarmar um sofisticado fuzil soviético com os olhos vendados, nem nunca vi escoteiros manobrando lanchas patrulheiras com a plena consciência do fato e a sua significação) e, mais que isso, nunca sente que um filho de pobre

foste ou podesse ser escoteiro.

Mas, o exemplo da ignorância dos pais de muitos dos viajantes é quando acreditam a Fidel de conservador, na medida em que ele quer o povo conviver e vestir-se, a comer, sentir-se à mesa, respeitar o professor, etc. Os viajantes pensam que desrespeitar o professor, pendur na mesa e andar todo siso e prestativo tem algo que ver com o socialismo? São inumeráveis os artigos de Trotsky a favor do ensino de «bons costumes» ao povo russo e contra as «máximas» no vocabulário do povo russo que, segundo Deutscher, era o mais «boca suja» que ele já viu..

Acho que ficaram expostos simplesmente (ou simplificadamente) ao ridículo (mais sérios nos infantos) alguns dos pontos de vista dos viajantes, que devem estar estudando mais seriamente a realidade para assim contribuir melhor e mais adequadamente para a compreensão dessa mesma realidade, para só então transformá-la revolucionariamente. Para «egistar, levantando problemas» é necessário não somente questionar, senão ter conhecimentos para questionar e também saber o que há que ser questionado, como fazê-lo e porque, pois afinal de contas os turistas gringos também gostam de Cuba e também levantam problemas.

Não quis deixar passar mais este óbvio da desinformação e por isso tentar desmascarar o falso preconceito burguês de algumas questões levantadas pelos viajantes. Deve-se as demais porque não fui tempo para desfazer todas as confusões das jovens (que parecem ignorantes) que, como eu, foram à Ilha do povo de Fidel.

Uma última coisa: eu recomendo a manha condição de macaca de auditório (é a maior, é a maior) mas sem dúvida que é melhor ser macaca de auditório que ser macaca de fora do auditório (é a maior, é a maior, mas...)

Manoel Bippi

\* As referências ao Trotsky são para que vejam que se pode ser crítico com os processos revolucionários sem deixar de apoiá-los e sem colocar-se de lado da reação.

## A invasão dos Mandarins

de Stalin, iniciou sua degeneração, e, em consequência, deu um poderoso golpe nos principais internacionalistas, que até hoje deixa suas marcas.

Gerções e gerações de revolucionários foram deseduçados nos desencontros da traição ao internacionalismo e da capitalização ao nacionalismo burguês, ora isso, se contém imediatamente com a III International, que de fato da solidariedade militante dos trabalhadores mundiais na época de Lênin, passou a um atropelamento automático com a burocracia do Kremlin no plano internacional, chegando até a defesa da invasão da Tchecoslováquia. As implicações disso na política externa cubana já são evidentes, como indica sua omissão em relação a luta de independência do povo da Etiópia contra o sanguinário e burocrático governo militar da Etiópia, aliada estratégica da URSS, e com o qual Cuba manteve programas de cooperação militar. A política cubana tenta conciliar o inconciliável: aprofundar a revolução, fazendo a defesa da burocracia da URSS.

A III International foi utilizada também pela burocracia soviética para despejar em toda a parte as concepções revisionistas que desnaturaram por completo o profundo sentido democrático da revolução proletária, o qual está na essência do conceito de ditadura do proletariado: são os trabalhadores que exercem o poder, cabendo aos partidos operários que falam em seu nome expressar o vigor e as aspirações revolucionárias da classe, sem jamais se sobrepor a ela.

Entretanto, a despeito dos esforços em contrário da burocracia soviética e de seus funcionários internacionais a revolução avançou em vários países, derrotando o feudalismo e o capitalismo. No entanto, como um anátema, as orientações políticas que presidiam a direção dessas revoluções estavam, em maior ou menor medida, presas aos grilhões da teoria stalinista, e não podiam romper radicalmente com o misto de chovinismo e ditadura burocrática sobre a classe operária que elas contêm. Essas deficiências teóricas e ideológicas se refletiram no amortecimento político do processo revolucionário, paralisando-se o espraiamento da organização soviética nessas novas sociedades. E essa situação que explica as ambiguidades que marcam a política internacionalista de todos os países socialistas, sem exceção, e que produziu o acelerado e vergonhoso retrocesso da revolução chinesa.

Mas a história do movimento socialista é predominantemente a história da burocratização revolucionária, da usurpação do poder proletário, da liquidação da democracia soviética. E isto já desde a revolução bolchevique de 1917 que, poucos anos depois de sua vitória, após Lênin, e já sob a direção

exemplo, na política de Cuba. Desde logo, os socialistas endossaram irrestritamente o apoio cubano à revolução angolana, quando ela se via ameaçada pela trama do imperialismo americano e dos racistas sul-africanos. Também os socialistas vêm com entusiasmo a experiência de poder popular que se leva a cabo em Cuba a partir de 1959. Não obstante, existem as incertezas.

De uma condenação ao pacifismo contrarrevolucionário da URSS, Cuba passou a um atropelamento automático com a burocracia do Kremlin no plano internacional, chegando até a defesa da invasão da Tchecoslováquia. As implicações disso na política externa cubana já são evidentes, como indica sua omissão em relação a luta de independência do povo da Etiópia contra o sanguinário e burocrático governo militar da Etiópia, aliada estratégica da URSS, e com o qual Cuba manteve programas de cooperação militar. A política cubana tenta conciliar o inconciliável: aprofundar a revolução, fazendo a defesa da burocracia da URSS.

O Vietnã é outro «ator» de destaque no palco do internacionalismo socialista. Todos os socialistas são unânimes em reconhecer o vigoroso impulso dado à revolução mundial por seu tenaz resistência e sua consagrada vitória frente ao imperialismo americano. E é justamente esta tradição de luta, forjada desde a campanha contra o colonialismo francês e os agressores japoneses, que os socialistas esperam estar esparsa por toda a sociedade vietnamita, como o antídoto mais seguro à burocratização da revolução socialista. E que venha a prevenir também que ações como a ajuda militar aos rebeldes cambojanos na luta vitoriosa contra o regime antipopular e cruelmente burocrático de Pol Pot seja de fato um ato de internacionalismo socialista e não o inicio de uma política hegemônica na Indochina, isto é, todos os socialistas esperam que o Camboja não seja ocupado militarmente pelo Vietnã.

O Vietnã é outro «ator» de destaque no palco do internacionalismo socialista.

Todos os socialistas são unânimes em reconhecer o vigoroso impulso dado à revolução mundial por seu tenaz resistência e sua consagrada vitória frente ao imperialismo americano. E é justamente esta tradição de luta, forjada desde a campanha contra o colonialismo francês e os agressores japoneses, que os socialistas esperam estar esparsa por toda a sociedade vietnamita, como o antídoto mais seguro à burocratização da revolução socialista. E que venha a prevenir também que ações como a ajuda militar aos rebeldes cambojanos na luta vitoriosa contra o regime antipopular e cruelmente burocrático de Pol Pot seja de fato um ato de internacionalismo socialista e não o inicio de uma política hegemônica na Indochina, isto é, todos os socialistas esperam que o Camboja não seja ocupado militarmente pelo Vietnã.

Essas ambiguidades são visíveis por

A invasão do Vietnã pela China revela o grau de deterioração a que chegaram as relações entre as nações socialistas. Dominadas pelo processo de burocratização, o que ocorreu nestas nações foi a liquidação da democracia soviética e o fim do princípio do internacionalismo proletário. Estas são as idéias de Mário L. Novais sobre a questão.

lado, estes Estados socialistas devem apoiar de todas as formas a luta dos trabalhadores dos países capitalistas pela transformação revolucionária.

No entanto, a história do movimento socialista internacional não se escreveu assim. O internacionalismo socialista foi feito em pedaços inúmeras vezes. E a razão é uma única: a marginalização da classe operária na direção dos Estados Operários. A afirmação do poder operário efetivo porá naturalmente em marcha a solidariedade socialista, porque o instinto de classe dos trabalhadores é também internacional.

Mas a história do movimento socialista é predominantemente a história da burocratização revolucionária, da usurpação do poder proletário, da liquidação da democracia soviética. E isto já desde a revolução bolchevique de 1917 que, poucos anos depois de sua vitória, após Lênin, e já sob a direção

Cartas, críticas, sugestões, etc., para Rua Matheus Grotto, São Paulo CEP: 05415

A redação (por motivo de espaço) se reserva o direito de publicar apenas trechos dos textos recebidos. Mas solicita que os correspondentes façam um resumo, para não ultrapassar 50 linhas de texto datilografado. E mais solicita-se que os correspondentes, na base de 50 linhas, dêem seus nomes e endereços completos.

**Aperte**

A redação (por motivo de espaço) se reserva o direito de publicar apenas trechos dos textos recebidos. Mas solicita que os correspondentes façam um resumo, para não ultrapassar 50 linhas de texto datilografado. E mais solicita-se que os correspondentes, na base de 50 linhas, dêem seus nomes e endereços completos.

## Salvar EM TEMPO

José Francisco de Souza, bancário de João Pessoa, como leitor assíduo do *EM TEMPO* commenta, em versos, a proposta de suspensão da circulação do jornal

Por J. Souza

E preciso que se salve «Em Tempo»

O tempo e o jornal

Um órgão da imprensa alternativa

Uma tribuna democrática

Uma voz do povo

Que se faça um mutirão

Que se transforme em cooperativa

Ou outra solução qualquer

Que o transforme em algo novo

Mas que permaneça como é

Com liberdade de opinião

Como tribuna de debates

como o jornal da oposição

E preciso que cada um pense por si mesmo

Nos seus próprios interesses

No interesse de sua própria classe

De seu próprio povo

De sua própria cultura

Sou bancário penso como tal

Você é operário, pense como operário

Seja como for, pense como é

E não como quer

O patrão e o capital

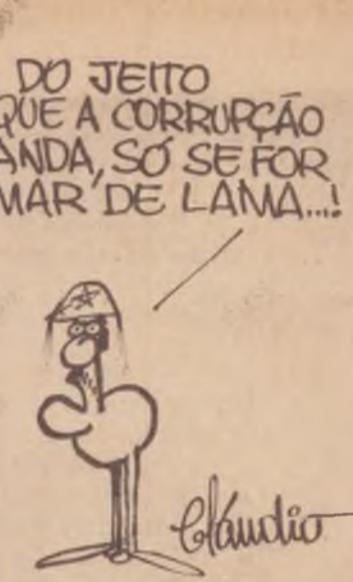
Para expressar estes pensamentos

E poder publicá-los

Ajude «Em Tempo»

O tempo e o jornal

O SERTÃO  
VAI VIRAR MAR!!



## EM TEMPO:

### unidade e ampliação

Companheiros:

Outro golpe foi desfechado pela Ditadura contra a liberdade de se informar do nosso povo. Além de tentar impedir que o povo lute pelos seus justos direitos e aspirações, o regime tenta negar-lhe o simples direito de saber o que fazem aqueles que nos governam.

Mais uma vez, a imprensa alternativa foi golpeada. Não bastasse as dificuldades que ela tem para sobreviver pelo simples fato de ser composta por pequenas empresas, o governo procura destruí-la economicamente, apreendendo edições inteiros. Este novo golpe contra a imprensa alternativa e o direito de informação do povo brasileiro teve por alvo, uma vez mais, o jornal *Em Tempo*.

Depois de tantas e seguidas ameaças dos grupos fascistas de extrema direita, depois dos atentados terroristas as nossas *sucursais* de Belo Horizonte e Curitiba, depois das prisões de jornalistas e vendedores de *Em Tempo*, as próprias autoridades policiais recolheram todos os exemplares do último número do jornal, sem nenhuma satisfação ao maior interessado na liberdade de imprensa: o povo.

Este atentado ocorre num momento particularmente difícil da vida de *Em Tempo* — é bom que todos o saibam para melhor avaliar as intenções dos responsáveis pela apreensão. O jornal atravessa uma séria crise econômica. E passa também por uma profunda crise política. Os autores dessa carta, por exemplo, recusaram-se a participar da última Assembleia Geral (4 de março) por considerá-la carente de legitimidade. Pela mesma razão, não aceitaram participar do atual Conselho Editorial.

Depois de tantas e seguidas ameaças dos grupos fascistas de extrema direita, depois dos atentados terroristas as nossas *sucursais* de Belo Horizonte e Curitiba, depois das prisões de jornalistas e vendedores de *Em Tempo*, as próprias autoridades policiais recolheram todos os exemplares do último número do jornal, sem nenhuma satisfação ao maior interessado na liberdade de imprensa: o povo.

Divergências entre nós existem. Vamos explicitar todas as diferenças, mas escapando à reta da ideologia do disenso e da cisão». Que, sob os efeitos emocionais desse golpe, saibamos extrair pelo menos uma lição dos movimentos populares devem avançar, e, para que elas avancem, é imprescindível a unidade e a ampliação das forças de oposição

# Por uma Frente das Mulheres

**Encerrado no último dia 8,  
o Congresso da Mulher Paulista,  
foi um verdadeiro festival de  
moções oposicionistas  
as mais diversas.**

**Dentre as resoluções se destacam,  
a luta pela criação de creches, e  
a equiparação salarial dentre outras.**

Por Rosa Pontes

A criação da Frente das Mulheres — um dos principais objetivos do I Congresso da Mulher Paulista — deve se concretizar na prática, quando as participantes do encontro se reunirem novamente, no próximo dia 19, às 19 horas, na sede do Sindicato dos Bancários, para encaminhar a luta unitária pela criação de creches nos diversos bairros. Ao que tudo indica, será em cima desta luta concreta e específica das mulheres que a Frente surgirá — e não de sua constituição formal.

Ao lado do documento final do Congresso — que conseguiu dar unidade a uma análise da situação atual da mulher dentro da sociedade brasileira, suas formas de luta e principais reivindicações — a continuidade do encontro se dará não apenas com o movimento unitário pela criação de creches, mas através de outras duas reivindicações tão prementes e específicas: a equiparação salarial (por trabalho igual, salário igual) e luta contra o Programa de Prevenção de Gravidez de Alto Risco.

## Firmeza e Emoção

Mas não foi apenas destes saldos organizativos concretos que se fez a noite de encerramento do Congresso, no último dia 8, no Teatro Ruth Escobar. As 500 mulheres — e homens — que participaram dessa reunião vibraram com a firmeza política, a energia e a emoção que vinham do palco e ganhavam mais força com adesão da platéia.

Desde o pedido de solidariedade à greve dos metalúrgicos desta semana, feito por Marluce —

despedida em São Bernardo por sua atuação sindical, apesar de seu estado de gravidez — até a ovation à Tereza, mulher do operário Manuel Fiel Filho, morto no Dci Codi, as propostas e homenagens repercutiram fortemente no plenário, que, assim, solidificava sua adesão ao movimento.

Pesar de ausente do Congresso, foi reservado um lugar simbólico na mesa que dirigiu os trabalhos na noite de encerramento à Flávia Schilling (?), presa política no Uruguai. E o jornal «Brasil Mulher» — juntamente com o Comitê Brasileiro de Anistia — fizeram uma homenagem «às companheiras desaparecidas», buscando-se um «resgate político dessas mulheres»; a cada nome de uma lista de desaparecidas, o plenário gritava presente. Também foi prestada homenagem à Elza Monerat, presa política «que dedicou toda sua vida às lutas do povo brasileiro».

Os depoimentos foram muitos e todos da maior importância. Dinha, metalúrgica, destacou a luta pela liberdade de organização política dos trabalhadores, por um aumento geral de salários e pela criação de departamentos femininos em todos os sindicatos. Ana, dona de casa, que foi ovacionada quando falou do valor do trabalho das camponesas.

Mas houve também a participação de Gilda, que reivindicou a anistia liberal — uma medida que permitiria a reincorporação ao trabalho, com todos os seus direitos, daquelas que foram afastadas de suas funções por motivos políticos. De Sandra, Cajazeira, diretora do Sindicato dos Bancários, que afirmou a necessidade de maior participação sindical da mulher, não apenas nos departamentos femininos, mas em todas as funções. E de Clarice Herzog, que encerrou os pronunciamentos, estendendo a homenagem feita a ela e a Tereza Fiel Filho a todas as mulheres que perderam maridos, filhos e irmãos, na luta por melhores condições de vida e por liberdades democráticas.



## Documento final

*«Marginalizadas no trabalho, sem condições mínimas de ter e educar nossos filhos, fazendo o verdadeiro milagre de conseguir, com os baixos salários e as péssimas condições de nossos bairros, garantir que os trabalhadores, de hoje e de amanhã, possam trabalhar e produzir. Nós, mulheres brasileiras, sofremos duplamente todas as consequências de miséria e opressão a que está submetida a maioria do povo. O desemprego, problema geral da população, no nosso caso é ainda mais sério. Não conseguimos ter uma profissão. Somos educadas apenas para executar as tarefas domésticas e ser mãe. Só conseguimos emprego com salários mais baixos que os homens e só nas profissões e cargos mais desvalorizados. E mesmo quando conseguimos um trabalho fora de casa somos obrigadas a fazer, além deles, todas as tarefas domésticas — o eterno lavar, cozinhar e cuidar dos filhos. Não temos onde deixá-los quando saímos para o trabalho. Pois não nos dão creches e escolas em quantidade suficiente e de qualidade que nos tranquilize, como se fôssemos as únicas responsáveis pelo cuidado de nossos filhos. E tem mais: nosso trabalho é utilizado de acordo com os interesses de lucro dos patrões e do Estado. Por isso, somos as últimas a conseguir emprego e as primeiras a ser despedidas. E o nosso trabalho doméstico, necessário para toda a sociedade, não é valorizado. muitas vezes, nem pelo nosso companheiro. E porque neste Congresso, pela primeira vez e juntas, conseguimos, em público, conversar mais intimamente e profundamente sobre o nosso dia-a-dia, percebemos o quanto esse cotidiano é comum a todas nós. E sentimos o despertar da solidariedade e da força que pode ter a nossa união diante de nossos problemas. De repente, pela primeira vez, sentimo-nos orgulhosas de nossa condição de mulher — já não mais mulheres isoladas e impotentes ante à situação que nos é imposta, mas mulheres decididas a mudar a sua sorte. E, em todos os grupos de discussão do Congresso, percebemos, mais uma vez, que os nossos problemas não se resolvem enquanto não mudar esta sociedade em que vivemos. Por isso, interessa também a nós, mulheres, mudá-la, porque temos um interesse concreto e real nessa mudança, e não apenas por solidariedade com os demais explorados e oprimidos. Por isso, achamos que devemos reforçar os movimentos que lutem por uma verdadeira mudança da sociedade, para melhor. Por isso, decidimos fortalecer os movimentos mais consequentes da sociedade não mais para aumentar apenas o número de pessoas que elas agregam, ou para desempenhar as tarefas de interesse geral, que «os outros» não têm tempo de fazer: promovendo a luta das mulheres grávidas. As reivindicações que levantamos foram muitas e todas elas serão objeto de nossa luta. Mas, neste primeiro momento, vamos construir a nossa unidade em torno de uma luta por 3 pontos:*

*1º CRECHES — totalmente financiadas pelo Estado e empresas, próximas aos locais de moradia e trabalho, que não sejam meros depósitos de crianças e que contem com a participação dos pais na orientação pedagógica.*

*2º Pela Equiparação Salarial, por trabalho igual, salário igual. Por melhores salários para todos os trabalhadores.*

*3º Contra o Programa de Prevenção de Gravidez de Alto Risco — pelo direito e condições sociais que permitem realmente optar por ter ou não ter filhos em bom estado de saúde e demais garantias de vida».*

## Feijoada popular

Rosa Pontes

A música «Feijoada Completa», de Chico Buarque - com nova letra, do Grupo de Criação dos Publicitários de São Paulo - abriu e encerrou a última noite do Congresso.

*Mulher, você vai gostar  
Chegou a hora de você falar  
Deixe as crianças em casa com o marido  
E vem discutir seus problemas doidos.  
Creches, salários, problemas de cama e fogão  
E como enfrentar a situação.  
Mulher, você vai notar  
Que os grandes problemas que vai enfrentar  
Crescem e cada vez mais a fome aumenta  
Congelam o salário do pobre  
Mas o preço da carne não  
E todo o dia aumenta o lucro do patrão.  
Mulher, você vai chorar  
Mas é preciso lutar pra melhorar  
Não adianta reclamar sozinha no portão  
Precisa juntar forças e dar a mão  
Senta, discuta, exija, reclame melhor situação  
Vida decente para você e para nação.*

## Sem garantias

Mesmo para ser mãe — a tão falada função principal da mulher — não contamos com as mínimas garantias. Pois, quando estamos grávidas, corremos o risco de não chegarmos ao término da gestação, em função do nosso precário estado de saúde e falta de assistência médica. Por outro lado, se estamos empregadas, nos ameaçam com a demissão no emprego. E não adianta sair em busca de outro: os patrões não aceitam as mulheres grávidas.

Se resolvemos evitar filhos, não encontramos métodos anticoncepcionais garantidos. O uso indiscriminado das pílulas, sem nenhuma assistência médica, é abertamente promovido pelo governo. Quando ocorre uma gravidez indesejada, o único recurso é se submeter à indústria clandestina do aborto ou a curiosas que, utilizando sondas ou outros meios mais grosseiros, põem em perigo as nossas vidas.

Completando o quadro da nossa situação de discriminação e opressão, existem ainda os preconceitos tradicionalmente divulgados, de que não temos direito ao prazer sexual e que nossa função no sexo é, unicamente, ter filhos.

Aliado a isso, a falta de condições de moradia — dormindo toda a família no mesmo quarto ou na mesma cama — e o trabalho absorvente a

que estão submetidos tanto a mulher quanto o homem, não permite o direito ao prazer sexual.

## Luta coletiva

Apesar disso, rompemos nosso isolamento e saímos para a luta como estamos fazendo também outros setores oprimidos da sociedade. Assim, desde o início nos organizamos em pequenos grupos de mulheres (Clubes de Mães, Associação de Donas de Casa, grupos femininos e, mais tarde, imprensa e grupos feministas) discutindo e denunciando os nossos problemas específicos e a situação dos bairros em que vivemos e nos propomos a ações concretas em torno dessas questões.

Foi a partir da mobilização das donas de casa de periferia que surgiu e cresceu nacionalmente o movimento contra a carestia. Iniciamos também em 75 a campanha pela Anistia Amplia Geral e Irrestrita a todos os brasileiros presos e perseguidos por motivos políticos. Em 78, quando as lutas dos operários e trabalhadores em geral ganharam as ruas, nós, mulheres, tivemos um papel de destaque no movimento grevista de operários, professores, bancários etc.

A participação em todos esses movimentos populares nos deu força e possibilitou a ampliação do movimento por nossas reivindicações específicas, cujo ponto de partida foi este nosso I Congresso.

E porque neste Congresso, pela primeira vez e juntas, conseguimos, em público, conversar mais intimamente e profundamente sobre o nosso dia-a-dia, percebemos o quanto esse cotidiano é comum a todas nós. E sentimos o despertar da solidariedade e da força que pode ter a nossa união diante de nossos problemas.

De repente, pela primeira vez, sentimo-nos orgulhosas de nossa condição de mulher — já não mais mulheres isoladas e impotentes ante à situação que nos é imposta, mas mulheres decididas a mudar a sua sorte.

## Lutas específicas

E, em todos os grupos de discussão do Congresso, percebemos, mais uma vez, que os nossos problemas não se resolvem enquanto não mudar esta sociedade em que vivemos. Por isso, interessa também a nós, mulheres, mudá-la, porque temos um interesse concreto e real nessa mudança, e não apenas por solidariedade com os demais explorados e oprimidos.

Por isso, achamos que devemos reforçar os movimentos que lutem por uma verdadeira mudança da sociedade, para melhor. Por isso, decidimos fortalecer os movimentos mais consequentes da sociedade não mais para aumentar apenas o número de pessoas que elas agregam, ou para desempenhar as tarefas de interesse geral, que «os outros» não têm tempo de fazer: promovendo a luta das mulheres grávidas.

*1º CRECHES — totalmente financiadas pelo Estado e empresas, próximas aos locais de moradia e trabalho, que não sejam meros depósitos de crianças e que contem com a participação dos pais na orientação pedagógica.*

*2º Pela Equiparação Salarial, por trabalho igual, salário igual. Por melhores salários para todos os trabalhadores.*

*3º Contra o Programa de Prevenção de Gravidez de Alto Risco — pelo direito e condições sociais que permitem realmente optar por ter ou não ter filhos em bom estado de saúde e demais garantias de vida».*

## EM TEMPO:

# Mulheres de todo o Brasil, uní-vos.

O Encontro Nacional de Mulheres, realizado no Rio no último fim de semana, além de aprovar as resoluções finais do Congresso Paulista, introduziu duas divergências inéditas: a questão do Irã e do MDB.

Um dos grandes momentos do Encontro Nacional de Mulheres, organizado pelo Centro da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro, de 8 a 11 de março, foi a apresentação do documento final do Encontro Regional de São Paulo, realizado no inicio da semana passada.

## Unidade em torno da luta pelas creches

A participação de mulheres de oito estados (SP, Rio, Pernambuco, Bahia, Alagoas, Minas, Espírito Santo, Rio Grande do Sul), e de uma gama extremamente variada de associações — CMFPA de São Carlos, Centro Feminino Pela Mulher Desamparada e Seus Filhos, Associação Brasileira de Enfermagem, Grupo de Mulheres de Porto Alegre, União Brasileira de MÃes — mostram que a questão feminina começo a sensibilizar a sociedade brasileira. Para uma boa

parte das 400 mulheres inscritas, esta foi sua primeira aproximação com o movimento feminista.

No segundo dia, os trabalhos se realizaram em diversas comissões e os temas escolhidos revelam que as preocupações das mulheres abrangem um conjunto de problemas que afetam tanto a vida privada como a esfera pública. O grande interesse despertado pelas comissões a partir de discussões tais como onde deixar os filhos na hora do trabalho, como conciliar trabalho fora de casa com trabalho doméstico, como reagir à agressões sexuais das quais são vítimas, revelam o caráter social de questões tradicionalmente consideradas como questões pessoais.

A luta pelas creches nos locais de trabalho e moradia sustentadas pelo Estado está surgindo espontaneamente em diversos pontos do País. A solidariedade a estas lutas foi um dos pontos de unidade do encontro. Todos os grupos que no terceiro dia discutiram os caminhos do feminismo no Brasil destacaram a luta pelas creches como uma das reivindicações mais urgentes.

O vivo interesse de uma parcela das presentes em participar da comissão «Violência infligida as mulheres» (violência esta que inclui desde controle da natalidade imposto e esterilização forçada até estupro, passando por apalpadelas e

piadas na rua e espancamento por parte dos maridos), assume uma certa importância, pois pela primeira vez este tema é discutido em um encontro de mulheres. A discussão mobilizou de tal forma as integrantes desta comissão, que elas decidiram constituir-se em um grupo de reflexão que permanecerá a trabalhar em cima da questão. A mais longo prazo, o objetivo é tentar determinar de que forma as mulheres podem fazer face a estas violências.

## As duas tendências dentro do movimento

Na assembleia final do encontro, a votação de duas moções causou muita agitação. O primeiro momento de tumulto foi a existência de duas moções que diziam respeito ao Irã. A primeira propunha «solidariedade com a luta das mulheres iranianas que se recusam a usar o «shador», símbolo da sua opressão milenar e que não querem repetir o erro das mulheres algerianas que, depois de participarem ao lado dos homens na luta pela libertação nacional, obtida a vitória, aceitaram voltar a viver fechadas dentro de casa e submeteram-se novamente aos seus papéis tradicionais». A segunda moção condicionava esta

solidariedade a que, por detrás da luta destas mulheres, não estejam forças contrárias à emancipação política do Irã. A primeira moção acabou sendo aprovada. O segundo momento de agitação contra ou a favor de uma moção que preconizava o fortalecimento do Departamento Feminino no MDB. A posição a favor foi vencida por 48 a 47 votos.

O fato de que estas tenham sido os dois momentos de maior divisão do encontro é significativo e nada mais é do que a cristalização das duas tendências que permearam o encontro: de um lado as mulheres que já compreenderam que o movimento feminista é em si uma luta social e política, e, do outro, as que pensam que este caráter político só é conferido ao movimento por sua adesão às bandeiras de luta da esquerda tradicionalmente masculina. O que ainda parece não ter sido esclarecido é que o feminismo implica uma nova visão da sociedade, baseada em relações não autoritárias, permitindo a cada ser, independentemente de sexo, classe ou raça, exercer livremente suas opções. A luta das mulheres é política na medida em que assume as questões específicas da opressão feminina, que se origina na natureza biológica, mas está vinculada às formas de sociedades determinadas. (L.R.)